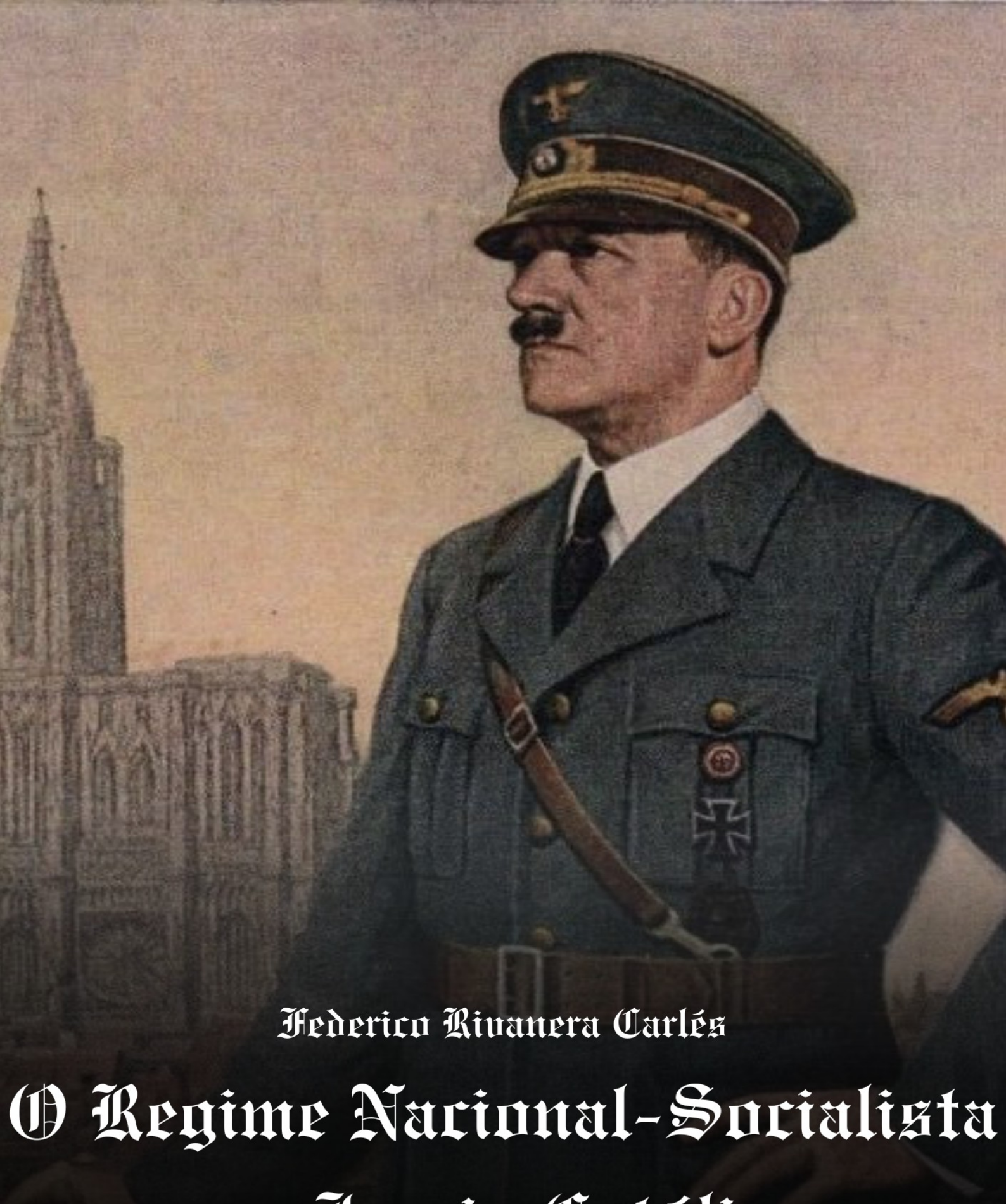


Federico Rivanera Carlés

O Regime Nacional-Socialista e a Igreja Católica

Federico Rivanera Carlés

O Regime Nacional-Socialista e a Igreja Católica

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Prólogo....6
1. A Igreja e a Itália Fascista....7
2. A Igreja e o Estado Nacional-Socialista....10
3. Os problemas com a Igreja....19
A. O Hiperrracismo Religioso de Alfred Rosenberg....19
B. As Associações Católicas....22
C. A Destituição de Funcionários Católicos....25
D. A Imprensa Católica....25
E. As Leis de Esterilização e Eutanásia....26
4. Apoio da Igreja aos aspectos principais do Regime Nacional-Socialista....28
A. O Antijudaísmo....28
B. A Doutrina Racial....30
C. A Luta Contra o Bolchevismo....35
D. A Política Exterior....36
E. A Nação em Guerra....38
F. Adolf Hitler....42
Conclusão....44
A atitude do Vaticano....45
PIO XI....45
PIO XII....46

† 01/10/2025 †

"Os heróis não morrem jamais. Permanecem eternamente vitoriosos e vivem na memória da raça através de seus grandes feitos." - Federico Rivanera Carlés

✠

IN MEMORIAM

de meu amado filho Federico Luis Juan Rivanera Carlés, morto tragicamente em 4-IV-1995, aos 24 anos, que colaborou na tradução dos textos em língua inglesa que são reproduzidos na obra. Alimentava fundadas esperanças de que daria continuidade aos meus trabalhos. Com ele extinguiu-se minha linhagem.

F.R.C.

Prólogo

Este estudo sintético havia sido originalmente previsto para ser incluído em *La judaización del cristianismo y la ruina de la civilización*, vol. II, cap. 31[1], mas, a fim de não avolumá-lo em excesso, decidi publicá-lo à parte. Se eu passasse por alto essa questão, tal livro se livraria das críticas e da rejeição de não poucos tradicionalistas desinformados e mal formados. Se eu tivesse procedido assim, incorreria em desonrosa claudicação ao ocultar um aspecto importante que investiguei exaustivamente, o qual revela, sobretudo, o oportunismo, as claudicações doutrinais que expus já[2], e outros graves fatos em que incorreu o Papado diante dos vencedores de 1945.

As relações entre o Estado Nacional-Socialista e a Igreja Católica foram falsamente apresentadas pela propaganda dos aliados democráticos-comunistas, à qual aderiu, após a derrota alemã, a Igreja local e universal. Isso fez com que muitos tradicionalistas sejam vítimas involuntárias da versão imposta pelos inimigos do catolicismo e do nacionalismo. Desde logo, não posso fazer aqui um estudo detalhado dessa matéria, mas apenas traçar suas linhas essenciais.

Por certo que, para entendê-la, é necessário abordar também as relações da Igreja com o regime mussoliniano e sua posição diante do fascismo em geral[3].

Federico Rivanera Carlés

Cidade da Trindade (Buenos Aires), maio de 2008.

1 Instituto de História S. S. Pio XII. Buenos Aires, 2008.
2 Rivanera Carlés, ob. cit., vol. II, cap. 31.
3 Refiro-me ao fascismo como fenômeno universal, portanto, compreendo sob tal nome, além do movimento italiano, o nacional-socialismo, o nacional-sindicalismo, o nacionalismo (nome que se lhe dá em vários países), etc.

1. A Igreja e a Itália Fascista

A conhecida fórmula mussoliniana "Tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado" foi deliberadamente mal interpretada por seus adversários: *stato* não alude aqui ao órgão de comando, mas *à Nação*. O Estado totalitário (vocábulo criado pelo Duce) é, portanto, aquele que enquadra a comunidade inteira, isto é, não deixa à margem de sua fiscalização e autoridade nenhum setor, evitando assim que os interesses individuais prevaleçam sobre o bem do conjunto, para o qual requer a estrutura autoritária inerente a um verdadeiro Estado. Vale dizer que se trata de um Estado comunitário, inteiramente alheio à estadolatria e à absorção do indivíduo, como sustenta falsamente a campanha mundial de desprestígio implementada por seus adversários. *É o Estado democrático, pelo contrário, que destruiu os corpos intermediários orgânicos*[4]*, deixando inerme o indivíduo diante dele.* Sobre essa questão, disse Pio XI em 1931: "Regime e Estado totalitário? ***Cremos que pode ser entendido como bom um totalitarismo no sentido de que, para tudo aquilo que é de competência do Estado segundo seus próprios fins, ele se atenha às diretrizes do Estado e do regime e defenda dele a totalidade dos cidadãos de um Estado; que cabe, portanto, atribuir ao Estado e ao regime um totalitarismo que poderemos chamar de subjetivo***"[5]. Em seguida, o Papa censura outro tipo de totalitarismo: "Mas não podemos dizer o mesmo de um totalitarismo objetivo no sentido de que a totalidade dos cidadãos deva ater-se ao Estado e depender dele, e, pior ainda, só dele, ou dele principalmente, para tudo aquilo que possa ser necessário ao desenvolvimento de sua vida individual, doméstica, espiritual e sobrenatural"[6]. Tal totalitarismo não existiu no fascismo, e situação semelhante, em contrapartida, se produz no Estado soviético e também na democracia, onde o povo é explorado pelo capitalismo (existe apenas uma diferença de grau, mas não de natureza, entre os países chamados

4 No Antigo Regime, as corporações de ofício gozavam de foros invioláveis, que impediam as intromissões do Estado, fixavam o preço justo de seus produtos, suas normas de qualidade, etc.; as famílias possuíam autonomia econômica porque a propriedade era impenhorável e não existia a partilha forçosa de bens; os municípios tinham uma representação vicinal e não partidária, etc.

5 Pio XI, Carta *Dobbiamo intrattenerla*, 7, de 26-IV-1931 (v. Coleção, etc., vol. I, p. 1270).

6 Ib.

desenvolvidos e os outros), sistema que aniquila todos os seus valores superiores, degrada-o por meio das mais diversas perversões e de uma cultura decadente, despojando-o da Fé cristã reduzida ao intranscendente âmbito privado, quando precisamente a Religião, que é o mais sagrado do homem junto com o amor à Pátria, abarca naturalmente a existência coletiva.

No documento, Pio XI reivindica a competência da Igreja para educar a juventude e se queixa dos obstáculos existentes, especialmente para a Ação Católica. Convém recordar que o fascismo libertou o Papado por meio dos Tratados de Latrão celebrados com esse Pontífice, que então chamou o Duce de "*L'Uomo providenziale*"; estabeleceu o ensino da Religião Católica em escolas e casas de estudos e, mais ainda, instaurou o catolicismo em toda a vida italiana, o que se manifestou, por exemplo, na organização corporativa, uma das instituições principais do regime — preconizada na *Rerum novarum* e na *Quadragesimo Anno* —, em que cada corporação, além disso, tinha seu santo padroeiro etc. O que o fascismo combatia, com sobrada razão, era o catolicismo liberal e a democracia cristã (o patrocinador inexplicável desta era o próprio Pio XI), que dominavam a Ação Católica e boa parte do clero. Tinha o dever e o direito de impedir a ação subversiva de seus adeptos, que por toda parte se aliavam aos comunistas e socialistas, como se viu depois na conspiração de 1943 e no governo surgido dela. Em tempos como os atuais, um Estado Nacionalista, Fascista, embora reconheça o papel da Igreja (não da seita judaizante pós-conciliar, entenda-se bem) na educação, deve controlá-lo sob pena de suicídio. E de modo algum pode renunciar a educar também a juventude, inculcando-lhe, é claro, os valores católicos que formam parte substancial de seu ideário. Se em tempos da Santa Inquisição os heterodoxos nunca deixaram de aparecer, o que se pode esperar hoje?

O mencionado Papa louvou o regime corporativo fascista na *Quadragesimo Anno*: "Recentemente, todos o sabem, iniciou-se uma organização sindical e corporativa especial, da qual, dada a matéria de Nossa Encíclica, parece oportuno dar aqui brevemente uma ideia com algumas considerações [...] As Corporações se constituem por

representantes dos sindicatos de operários e patrões da mesma arte e profissão, e, como verdadeiros e próprios órgãos e instituições do Estado, dirigem e coordenam os sindicatos nas coisas de interesse comum. A greve é proibida; se as partes não podem chegar a um acordo, a autoridade intervém. *Basta um pouco de reflexão para ver as vantagens dessa organização, embora a tenhamos descrito sumariamente: a colaboração pacífica das classes, a repressão das organizações e das tentativas socialistas, a ação moderadora de uma magistratura especial*"[7]. Objetava, isso sim, o caráter estatal do ordenamento corporativo: "Há quem tema que nessa organização o Estado substitua a livre atividade, em vez de se limitar à necessária e suficiente assistência e ajuda; que a nova organização sindical e corporativa tenha caráter excessivamente burocrático e político, e que, não obstante as vantagens gerais assinaladas, possa servir a intentos políticos particulares, mais do que à facilitação e ao início de um melhor estado social"[8]. As corporações não podem ser optativas, não é possível que coexistam o regime corporativo com o capitalista e tampouco, *numa primeira etapa*, podem ser autônomas como no passado, porque o capitalismo as destruiu. As novas corporações tiveram de ser criadas pelo regime fascista, que para fortalecê-las, respaldá-las e fiscalizar seu bom funcionamento julgou necessário integrá-las ao Estado. Em Portugal eram privadas, embora controladas pelo Estado, e, ainda que funcionassem satisfatoriamente, não se conseguiu a plena e necessária identificação com a Revolução Nacional, o que produziu consequências muito negativas.

7 Pio XI, Encíclica *Quadragesimo Anno*, 37, de 15-V-1931, em *Colección, etc.*, vol. cit., pp. 1314-1315.
8 *Ib.*, p. 1315.

2. A Igreja e o Estado Nacional-Socialista

Para compreender devidamente o problema, é preciso recordar que a Alemanha ficou dividida pela Reforma e que o protestantismo era majoritário e, sobretudo, contava com o respaldo do Estado, daí que tivesse uma influência muito superior à do catolicismo. Por outro lado, a propaganda contra Roma fez a Igreja aparecer como inimiga da Alemanha e Lutero, em contrapartida, como sua grande defensora. Embora Hitler, Goebbels e outros fossem católicos, o Movimento Nacional-Socialista (nascido na Baviera, epicentro do catolicismo) estava obrigado a não se definir a favor de nenhuma das duas confissões se quisesse salvar a Nação e o cristianismo do assalto bolchevique e romper as correntes impostas pelo Tratado de Versalhes, que a despojou de sua soberania, desmembrou-a territorialmente e a escravizou à finança mundial. Por isso, em seu programa, fala-se de "cristianismo positivo".

Ora bem, na Alemanha existia uma simbiose contranatural entre a Igreja Católica e a democracia cristã, representada pelos partidos do Centro[9] e Popular Bávaro[10], aliados dos marxistas durante a República de Weimar, social-democrata e judeo-francomaçônica[11], imposta pelos vencedores para reduzir a Alemanha à servidão[12]. "O Partido de Centro

9 O *Zentrum* adotou a ideologia democrata-cristã depois da Primeira Guerra Mundial. Nascido em 1870 em decorrência da política anticatólica de Bismarck, a qual era impulsionada por judeus, sua posição era nacional e antijudaica. "Aguijoadia pelo fato de que muitos judeus proeminentes participaram da tática [*sic*] anticatólica dos anos 1870 e seguintes, na Alemanha, a imprensa do Partido do Centro começou no verão de 1875 uma vigorosa campanha antissemita [...] A campanha terminou tão rapidamente como havia começado" (v. Lewy, ob. cit., p. 360). Na realidade, a luta se manteve durante vários anos e, p. ex., o n° 32 dos VOLANTES CATÓLICOS PARA A DEFESA E O ENSINO traz como título *O eterno judeu da imprensa ou o período da gíria judaica na literatura alemã*, cuja epígrafe diz: "Judaizada a imprensa, a literatura, - arrendada há tempos por judeus. - Em breve o cristianismo como bigorna unicamente - do eterno judeu considerado será". No texto sustenta-se o seguinte: "É o espírito da época, que transita por sendas judaicas, do lucro e do ódio religioso, o que assinalamos como inimigo. *O problema judaico não é um problema religioso*", o que é correto, mas não a conclusão do articulista, pois afirma que é a cultura e não a raça o que nos separa dos judeus (v. J. A. Kohler, *Judaísmo e Igreja Católica*, pp. 8-9, ed. Milicia, Buenos Aires, 1976; os VOLANTES eram publicados por GERMANIA, o porta-voz do Partido do Centro em Berlim, e o n° citado saiu nos anos 90 do s. XIX, mas dito autor não precisa a data).

10 Numerosos clérigos faziam parte da direção do *Zentrum* e do P. Popular Bávaro. Em dezembro de 1928 foi eleito presidente do primeiro monsenhor Ludwig Kaas, assessor do núncio Pacelli desde 1925.

11 O presidente da comissão redatora da Constituição de Weimar foi o judeu Preuss, daí que a EI possa dizer que "A Constituição de Weimar foi redigida por um judeu, Hugo Preuss" (vol. 7, 483), a quem define, com razão, como o "criador da constituição de Weimar" (vol. 13, 1059). Este jurista e político foi ministro do Interior da república. Quanto à Franco-maçonaria, embora o DF trate de minimizar sua participação, admite que na nova República "alguns Irmãos, entre eles Stresemann, desempenharam um papel importante (p. 34).

12 Tal coalizão durou até a primavera de 1930, i. e., durante quase toda a existência da República de Weimar, à qual ambos os partidos democrata-cristãos apoiaram até o fim.

converteu-se em um dos pilares da República de Weimar [...] o *Zentrum* converteu-se em um aliado dos socialistas, e com eles os líderes parlamentares católicos [democratas-cristãos], em repetidas ocasiões, assumiram cargos de importância no regime republicano alemão. Por exemplo, ***membros do Partido de Centro ocuparam o cargo de Chanceler em oito dos catorze gabinetes ministeriais que a Alemanha teve entre os anos 1918 e 1933***"[13]. O nacional-socialismo, portanto, enfrentou supostos partidos católicos, muitos deles sinceros católicos[14]. O principal responsável por esse grave fato foi Pio XI, que fomentou o conúbio inadmissível, uma vez que boa parte dos prelados alemães não estava realmente consubstanciada com a democracia cristã, situação curiosa, por certo, que não os exime de culpa. É assombroso que este Pontífice tenha apoiado de tal maneira essa tendência, que durante seu governo se estendeu pelas diversas nações da Europa, onde repetiu sua aliança com os marxistas ateus e inimigos da Igreja. A democracia cristã, *condenada por Leão XIII*[15] *e à qual tão energicamente se opôs São Pio X*, merece a tal respaldo ter causado um imenso dano ao catolicismo e ao Ocidente.

O que é destacável para quem desejasse analisar com objetividade a situação é que o Führer não se afastou de sua posição diante do catolicismo, apesar da atitude da Igreja alemã, a qual proibiu que os fiéis ingressassem no Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores baseando-se em critérios errados, por exemplo, que propugnava o paganismo e um racismo anticristão, os quais, na realidade, eram sustentados exclusivamente por um setor minoritário, já que seu programa era cristão, antiliberal e anticomunista. As primeiras censuras provinham do cardeal-arcebispo de Breslau, Adolf Bertram, primaz da Igreja alemã.

13 Guenter Lewy, *A Igreja católica e a Alemanha nazista*, p. 6. Trata-se de uma importantíssima obra que se funda nos arquivos do Terceiro Reich e da Igreja germânica, mas, o que ocorre com frequência com os pesquisadores, seu autor — judeu — tira deliberadamente as conclusões equivocadas a fim de reforçar o já insustentável mito do Holocausto e da tirania nacional-socialista. Os valiosos documentos que contém permitem reconstruir a verdade das relações do sistema hitleriano com a Igreja.

14 No ano de 1920 havia-se formado na capital alemã o *Katholikenbund für Nationale Politik* (Liga Católica por uma Política Nacional), que a partir de 1924 publicou a revista DER RÜTLISCHWUR. Instava ao combate contra as três forças do mal, adversárias da Igreja Católica e da Alemanha, isto é, os marxistas, os judeus e os maçons. Colaborava em tal órgão o sacerdote católico Josef Roth, futuro nacional-socialista e integrante do Ministério de Assuntos Eclesiásticos do Terceiro Reich.

15 O fato não pode ser desconhecido, embora tenha sido atenuado infortunadamente, segundo vimos, pela aceitação do termo para a ação social cristã e outros sérios erros desse Pontífice (v. cap. 29, B).

No fim de dezembro de 1930, deu a conhecer um documento contra “a exclusiva glorificação da raça nórdica e o desprezo pela revelação divina”. Ao mesmo tempo, objetou a ambiguidade do termo “cristianismo positivo”, denunciando “o nacionalismo fanático que levaria ao ódio mútuo e à adoração da raça”[16]. A oposição ao nacionalismo [exagerado] é um bordão democrático para desacreditar o nacionalismo político que luta pela liberdade e pelo fortalecimento da Nação, enaltecendo, em contrapartida, o patriotismo sentimental e inócuo que a desarma diante de seus inimigos. A “adoração da raça” nada tem a ver com ele e é própria do hiperracismo de Rosenberg, que, além disso, supervaloriza erroneamente o ramo nórdico da raça ariana (*v. infra*). Acerca do “cristianismo positivo”, é certa a anfibologia da expressão, mas é, reitero, o resultado inevitável da trágica divisão religiosa da Alemanha.

As objeções da hierarquia se multiplicaram desde então, mas a maioria era condicional e não existia um critério homogêneo a respeito. A exceção foi o bispo de Berlim, Christian Schreiber, que em 1931 declarou que não era vedado aos católicos ingressar no Movimento Nacional-Socialista[17]. Contudo, em meados de 1932, a proibição era geral.

O fato de que, em 28-III-1933, o episcopado reunido em Fulda a tenha suspendido ***sem que o Partido tivesse modificado seu programa*** demonstra que ela carecia de fundamento. O argumento esgrimido para explicar a medida é completamente inconsistente:

“Deve-se reconhecer agora que se tornaram públicas e solenes declarações[18] por parte do máximo representante do Governo Nacional, que ao mesmo tempo é o condutor autorizado desse Movimento, e por meio delas se reconheceu devidamente a inviolabilidade da doutrina católica e das tarefas e direitos imutáveis da Igreja. Nessas declarações, o Governo Nacional[19] deu garantias explícitas concernentes à validade de tudo o que foi previsto nas concordatas concluídas entre a Santa Sé e os estados federais da Alemanha.

16 Mons. A. Beltram, *A posição da Igreja Católica perante o radicalismo e o nacionalismo. Uma palavra aberta em hora grave no encerramento do ano de 1930*, pp. 7-8, Breslau, 1930, *apud* Lewy, ob. cit., p. 10.

17 ECCLESIASTICA: ARQUIVO DE HISTÓRIA ECLESIÁSTICA CONTEMPORÂNEA, XI, p. 138, 1931, *apud* Lewy, ob. cit., p. 11.

18 Em 23-III-1933.

19 Denominação do gabinete da coalizão nacionalista encabeçada por Hitler.

>Sem anular a condenação de certos erros de índole moral e religiosa que se continha em nossas primeiras medidas, o episcopado crê poder confiar em que *as anteditas proibições gerais* ***e advertências já não devem ser consideradas necessárias****.Em 23-III-1933.*

>Os cristãos católicos, para quem a voz de sua Igreja é sagrada, não precisam neste momento de uma admoestação especial para serem leais às autoridades legítimas e para cumprir conscienciosamente seus deveres cívicos, sem por isso rejeitar por princípio toda conduta subversiva ou ilegal"[20].

O Führer havia se expressado acerca da Igreja Católica em idêntico sentido desde a fundação do Movimento. E, com respeito à vigência da condenação dos erros assinalados, é correta na medida em que estes, como a verdade, são invariáveis, mas já não estavam referidos ao nacional-socialismo, razão pela qual anulavam-se "as proibições gerais e advertências". Fica claro, portanto, que a declaração de Fulda foi apenas o pretexto para revogar uma disposição infundada, à qual milhões de católicos haviam desobedecido ao aderir com fervor ao NSDAP, ao qual muitíssimos se incorporaram[21]. A causa real foi o triunfo avassalador de Hitler nas eleições de 5 daquele mês, que lhe permitiu assumir a totalidade do poder. Considerada objetivamente, foi uma decisão oportunista, mas vários dos prelados eram partidários de Hitler, *v. g.*, o arcebispo Gröber[22], e os bispos Berning[23] e Eberle. Do mesmo modo, o grosso do episcopado modificou sua postura, apoiando sinceramente o regime até 1945. A

20 Hans Müller, *Igreja e Nacional-Socialismo: Documentos 1930-1935*, p. 78, Munique, 1963, *apud* Lewy, ob. cit., p. 52; v. It. Wilhelm Corsten (ed.), *Documentos de Colônia sobre a situação da Igreja Católica na Alemanha 1933-1945*, doc. 6, pp. 4-5, Colônia, 1949.

21 Entre eles o oficial Albert Leo Schlageter, um dos principais heróis nacional-socialistas, que lutou contra a invasão francesa do Ruhr e foi fuzilado em 26-V-1923. Após a ascensão de Hitler, o clero o exaltou, v. g., o cardeal-arcebispo de Breslau, Michael Faulhaber, em uma homilia de 8-XI-1936 pô-lo como exemplo do católico, comparando-o com os heróis do Alcázar de Toledo (cf. *PREGAÇÕES CARDINALÍCIAS DE MUNIQUE*, 1ª série, p. 5, *apud* Lewy, ob. cit., p. 222). Antes das eleições de 1933, formou-se sob o agrupamento pronacional-socialista católico, o *Grupo de Trabalho dos Alemães Católicos*, cujo chefe era Georg Lossau, o qual propunha que a Igreja levantasse a proibição de ingresso no NSDAP.

22 No regime nacional-socialista, Monsenhor Gröber era conhecido como "o bispo pardo". Em 1933 incorporou-se à SS como "membro ativo", mas, segundo Lewy, foi expulso em janeiro de 1938, embora tenha continuado contribuindo para as obras da mesma (cf. Lewy, ob. cit., p. 61). Isto é um contrassenso e a realidade pode ser entrevista na correspondência entre Himmler e Pohl (exptes. 243 i e 245, National Archives, Washington, microfilme 580, rolos 40 e 42, respectivamente), nas quais, segundo consigna o próprio Lewy, fala-se de "exclusão" e que o prelado ficou como "promotor aderido" da SS (*ib.*, n. 72, p. 460). O assunto deve ser investigado, mas a saída de Gröber deve ter sido acordada com ele, caso contrário não teria permanecido em tal condição.

23 Imediatamente depois de ter sido assinado o concordato, em 11-VII-1933, monsenhor Berning foi designado por Goering membro do novo Conselho de Estado prussiano, cargo que desempenhou até a queda do regime.

oposição ao nacional-socialismo deveu-se fundamentalmente ao predomínio do catolicismo liberal e da democracia cristã entre a hierarquia. O regime hitleriano mostrou reiteradamente que a defesa do cristianismo não estava em tais ideias, antes pelo contrário, mas na cruz gamada:

Em seu primeiro discurso desde o governo, em 1-I-1933, Hitler expressou que os integrantes do mesmo "manteriam e defenderiam aqueles princípios básicos sobre os quais repousa a formação de nossa nacionalidade. *Consideram o cristianismo como o fundamento de nossa moralidade e a família como a base da vida nacional*"[24]. Não era meramente uma formalidade tática, pois isso foi acompanhado de ações concretas. Cumpre notar, do mesmo modo, um fato praticamente desconhecido: assim que conquistou o poder, o NSDAP instou "seus seguidores a se tornarem membros das confissões religiosas do país"[25]. Tratou-se, diz Lewy, de **uma "onda de religiosidade inspirada de cima"**[26]. Por certo, desde o ponto de vista ortodoxo, a única Fé cristã é o catolicismo, mas o que foi dito deve se justificar no atípico contexto religioso da Alemanha.

Nada mais ilustrativo da posição do Führer acerca desse ponto transcendental do que o expresso em 26-IV-1933, já senhor absoluto do poder. Na entrevista que nesse dia concedeu a Wilhelm Berning, bispo de Osnabrück, e a monsenhor Steinmann, vigário-geral da *diocese de Berlim*, assinalou que se sentia "particularmente magoado" por ter sido acusado de inimigo da Cristandade, uma vez que ***"estava pessoalmente convencido de que, sem cristianismo, não se podia governar nem a própria vida pessoal nem um Estado organizado***, e a Alemanha em particular necessitava do tipo de fundamentos morais e religiosos que somente a religião cristã podia proporcionar-lhe"[27]. Por tal causa, "Hitler finalizou

24 Norman H. Baynes, *Os discursos de Adolf Hitler*, vol. I, pp. 369-370, Londres, 1942, *apud* Lewy, ob. cit., p. 33.

25 Lewy, ob. cit., p. 49. A herética "Igreja dos Velhos Católicos" nunca foi apoiada pelo regime nacional-socialista e careceu de importância (*ib.*, p. 219).

26 *Ib.* O argumento de Lewy de que os nacional-socialistas conseguiriam "paralisar assim a ação das Igrejas" (*ib.*) é simplesmente um disparate.

27 Relatório do bispo Berning e de monsenhor Steinmann (v. Lewy, ob. cit., p. 68). Existem duas versões da entrevista, a oficial alemã e a dos nomeados. A primeira se encontra no Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes, II, Vatikan Politik 17, vol. 2. A outra foi transcrita por Müller, ob. cit.

sua conversa sublinhando a grande importância que atribuía a manter-se em estreito contato com a Igreja católica"[28].

Apenas se apossou do Estado, o Führer manifestou sua intenção de realizar uma concordata com a Santa Sé. Depois do triunfo nas eleições de março de 1933, começaram as tratativas, *por iniciativa do Reich*[29], e, em um prazo inusitadamente breve, ela foi firmada em 20-VII-1933. Quando as tratativas haviam chegado a bom termo, alguns dias antes, no dia 14, reuniu-se o gabinete alemão, e *Hitler declarou a enorme significação* do Reichskonkordat "na luta, urgente, contra a judiaria internacional"[30]. Em representação do episcopado reunido em Fulda, no dia 22, o cardeal Bertram enviou-lhe uma epístola de "agradecimento e felicitação", assinalando que a Igreja alemã havia manifestado "sua sincera e jubilosa disposição para cooperar da melhor maneira possível com o Governo no poder, que havia fixado o objetivo de promover a educação cristã do povo, rejeitando a impiedade e a imoralidade, desenvolvendo a preparação para realizar sacrifícios em prol do bem comum e protegendo os direitos da Igreja"[31]. O muito influente cardeal Faulhaber, por sua parte, em 24 de julho, enviou ao Führer uma carta manuscrita de felicitação, na qual destacava que "aquilo que os velhos partidos e os Parlamentos não conseguiram levar a cabo em sessenta anos, sua perspicácia de grande estadista conseguiu em seis meses. Para o prestígio da Alemanha no Oriente e no Ocidente, e perante o mundo inteiro, este aperto de mãos com o Papado — o maior poder espiritual da história do universo — é um fato de valor incalculável", manifestando, ao concluir, o anelo "que sobe do fundo de nosso coração: *Queira Deus conservar o chanceler à frente de nosso povo!*"[32]. Depois da ratificação, que teve lugar em 10-IX-1933, em

28 *Ib.*, em Lewy, ob. cit., p. 69.

29 Era o grande anelo de Pacelli, pelo qual havia lutado desde que foi nomeado núncio em Berlim no ano de 1928. Von Papen diz em suas *Memórias* que Pio XI "havia insistido na conclusão da concordata porque queria chegar a um acordo com a Itália e a Alemanha, considerando os dois países como o núcleo do mundo cristão a seu modo de ver" (cf. Lewy, ob. cit., p. 99). Sobre isso observa Lewy que "mesmo admitindo que essa descrição dos motivos que induziram o Pontífice obedece, de certo modo, ao desejo de von Papen de "embelezar" a coisa, no essencial coincide com o que por outros condutos sabemos hoje acerca da grande ansiedade que Pio XI sentia sobre a ameaça do comunismo ateu" (*ib.*).

30 *Documents on German Foreign Policy*, série C, vol. I, doc. 352, p. 636, *apud* Lewy, ob. cit., p. 105.

31 Bundesarchiv, Coblença R 43 II/176; Müller, ob. cit., doc. 76, pp. 169-170, *apud* Lewy, ob. cit., p.p. 139-140.

32 *Ib.*, doc. 77, p. 170, *apud* Lewy, *ib.*, p. 140. Em 10-VII-1933, o bispo Vogt de Aquisgrão remeteu um telegrama ao Führer, onde, depois de agradecer-lhe e felicitá-lo, expressava que "a diocese e o bispo participarão gozosamente na construção do novo Reich" (Bundesarchiv, Coblença, R 43, II/176, *apud* Lewy, ob. cit., p. 139). No mensário da Companhia de Jesus, *Stimmen der Zeit*, o padre Ludwig Koch escreveu um artigo no qual assinalou que a suástica

todas as igrejas se realizaram cerimônias de ação de graças; a principal, na catedral de Santa Edviges de Berlim. À missa maior celebrada nesta assistiram, em uniforme de gala, todos os católicos da SA e da SS, os integrantes de organizações católicas, os membros do Governo e o núncio apostólico Cesare Orsenigo[33]. A multidão era tal que apenas uma parte pôde entrar no templo. O homilista exaltou a "reconciliação transcendental que acabava de concluir-se entre o Santo Padre, dirigente supremo dos católicos, por um lado, e o condutor do grande movimento popular alemão, por outro, aquele homem consagrado à divindade, sinceramente preocupado com o bem-estar do povo alemão, que será assim governado de acordo com a vontade do Criador"[34]. Ao final, uma grande multidão cantou os hinos da Alemanha e do Movimento Nacional-Socialista.

A Igreja Católica obteve o que nunca havia conseguido no país desde a Reforma, devendo-se assinalar que, quando em 1931 se realizaram negociações para uma concordata, as exigências do Vaticano foram rejeitadas. As três principais eram as seguintes: isenção de penas aos sacerdotes que consagrassem um matrimônio religioso sem prévio matrimônio civil, por razões de emergência moral; as subvenções estatais à Igreja não seriam suspensas até que houvesse acordo sobre o ponto entre as partes; e, por último, seriam garantidos os direitos dos católicos a suas próprias escolas e a receber ensino religioso nos estabelecimentos do Estado. No ano de 1932, o episcopado voltou a propô-las, *mas foram rejeitadas com o apoio do presidente do Zentrum*. "O novo ministro do Exército, general von Schleicher, voltou a rejeitar as pretensões católicas. Esta carta do ministro federal alemão das Forças Armadas *foi redigida com a ajuda de monsenhor Kaas* e do conselheiro Fritz Menshausen, encarregado no Ministério de Assuntos Estrangeiros dos temas

havia posto de manifesto seu poder criador: "A pessoa de Hitler se converteu no símbolo da fé na nação germânica, e em sua existência e futuro." A rápida assinatura da concordata era a demonstração de que não podia continuar a hostilidade entre a cruz de Cristo e a cruz gamada. "Pelo contrário, o símbolo da Natureza tão somente encontrará sua plena realização, sua consumação, no símbolo da Graça" (v. L. Koch, SJ, *Die Kraft der Symbole* (*A potência do símbolo*), revista cit., CXXVI, p. 272, 1933-1934, *apud* Lewy, ob. cit., p. 150).

33 O núncio estava muito entusiasmado pela subida de Hitler ao poder (cf. Lewy, ob. cit., p. 35).

34 Lewy, ob. cit., p. 142.

vaticanos”[35]. Essa atitude viu-se amplamente ratificada na oposição do referido partido à concordata de 1933[36].

Detenhamo-nos por um instante em algumas das conquistas alcançadas mediante a concordata:

✠ O artigo 18 atendia por inteiro à antiga demanda do Vaticano de que a Santa Sé fosse consultada no caso de suspensão dos subsídios estatais à Igreja[37].

✠ “O sistema educativo dos católicos ficava protegido pelos artigos 19 a 25 da concordata. Tais artigos representavam provavelmente a maior concessão feita à Igreja e a seus interesses dentre as que figuravam no acordo [...] A continuação das faculdades de teologia católica nas universidades do Estado e a reafirmação do direito da Igreja de estabelecer seus seminários teológicos — tudo isso previsto nos artigos 19 e 20 da concordata — não representou grande avanço para o Vaticano. Mas o reconhecimento da instrução religiosa nas escolas públicas de tipo primário, secundário, de aprendizagem profissional, especiais etc., como tema usual “que será ensinado de acordo com os princípios professados pela Igreja católica” (artigo 21), supunha uma melhoria certa em relação a disposições legais alemãs anteriores [...] Logo em seguida, a Igreja recebia o direito de vetar a nomeação ou a permanência no cargo de qualquer professor de religião católica. Isso ficava estabelecido no artigo 22, no qual se exigia que os professores dessa doutrina tivessem o que se chama *missio canonica*, isto é, a licença eclesiástica de seu bispo. Era este um privilégio que a Igreja buscava obter, sem êxito, havia muito tempo no país”[38].

---

35 *Ib.*, p. 80. O oportunista Kaas teve depois um papel destacado na concordata de 1933.

36 “Segundo diz Papen, o Pontífice havia recebido comunicações “de toda classe de fontes” objetando a conclusão de um acordo desse tipo com a Alemanha nazista. Uma das quais muito bem pôde ter sido iniciativa de Brüning” (v. Lewy, ob. cit., p. 99). As objeções dos dirigentes do Partido do Centro foram assinaladas pelo arcebispo Gröber, que apoiava resolutamente o novo Estado Nacional-Socialista (v. Ernst Deuerlein, *Das Reichskonkordat: Beiträge zur Vorgeschichte, Abschluss und Vollzug des Konkordats zwischen dem Heiligen Stuhl und dem Deutschen Reich vom 20. Julio 1933*, p. 255, Düsseldorf, 1956, *apud* Lewy, ob. cit., p. 99; cf. Rudolf Morsey, *Die deutsche Zentrumspartei*, em Erich Matthias e R. Morsey, *Das Ende der Parteien 1933*, p. 406, n. 9, Düsseldorf, 1960, *apud* Lewy, ob. cit., pp. 464-465, n. 62).

37 *Ib.*, p. 110. Lewy faz notar que, “apesar da surpresa de todos os interessados em tal provisão [...] o regime nazista continuou pagando ditos subsídios —ainda que seu montante tivesse sido rebaixado em relação ao disposto— até seu próprio fim” (*ib.*).

38 *Ib.*, pp. 110-111.

✠ “Finalmente, no que parecia o triunfo católico mais brilhante, o artigo 23 garantia a manutenção das escolas confessionais católicas e o estabelecimento de outras novas onde quer que os pais as solicitassem e o número de futuros alunos fosse suficientemente elevado. Papen observa sobre esse ponto, a modo de justificação: “Somente aqueles que, durante os anos vinte, haviam vivido a luta incessante para alcançar essa concessão, podem ter ideia de que tipo de vitória ela representava para o ânimo dos católicos da Alemanha”[39].

A concordata impedia a participação do clero na política (art. 32) e proibia as associações políticas católicas, ponto este referido inequivocamente ao *Zentrum* e ao Partido Popular Bávaro, cuja dissolução, portanto, era a consequência lógica. Não obstante, estes, tentando sobreviver, haviam aprovado a lei de plenos poderes para o Führer. Vã ilusão: em 4-VII-1933 o Partido Popular Bávaro se dissolveu por conta própria, e no dia seguinte o Partido de Centro fez o mesmo. Seu presidente, monsenhor Kaas, após a esmagadora vitória de Hitler em 23-III-1933, renunciou em 7 de abril e partiu para Roma, onde se converteu em influente conselheiro do Secretário de Estado Pacelli. A partir dessa função, do mesmo modo, também colaborou com o Terceiro Reich. Apenas alguns dias depois de sua chegada ao Vaticano, em 20 desse mês, enviou um telegrama de felicitação ao Führer por ocasião de seu aniversário, o qual foi reproduzido pela imprensa da Alemanha: “No dia de seu aniversário, meus sinceros bons desejos e a segurança de uma cooperação inquebrantável na grande empresa de criar uma Alemanha unida no interior, gozando de paz social, e livre no exterior”[40].

39 *Ib.*, p. 111. A citação de von Papen é de suas *Memórias*, p. 280.

40 KÖLNISCHE VOLKSZEITUNG, n° 107, 21-IV-1933 (v. Morsey, ob. cit., p. 379, *apud* Lewy, *ib.*, p. 62). É claro que Kaas agia assim de acordo com o Vaticano. Com efeito, em 24-IV-1933, o embaixador bávaro junto ao Papa, barão von Ritter, comunicava que “não pode caber dúvida alguma acerca de que o cardeal Pacelli aprova uma política de sincera cooperação dos católicos no marco de uma *Weltanschauung* cristã, a fim de beneficiar e guiar o movimento nacional-socialista. Pela boca de outros proeminentes purpurados pude inteirar-me, ademais, de pensamentos que apontam na mesma direção” (cf. Bayerisches Geheimes Staatsarchiv Munich, MA 1957/VII-1-7-I, *apud* Lewy, ob. cit., p. 62).

3. Os problemas com a Igreja

Naquela época, o Papa Pio XI tinha uma alta opinião de Adolf Hitler✠, como manifestou ao cardeal Faulhaber, que o visitou em Roma em março de 1933, após a grande vitória eleitoral daquele. O Papa "elogiou publicamente o chanceler Adolf Hitler pela posição que este havia adotado diante do comunismo"[41]. Também fez o mesmo diante de von Papen em abril de 1933, e este o recordou em suas *Memórias*: "Fez-me saber quão satisfeito estava por ter o Governo alemão à sua frente um homem inquebrantavelmente oposto ao comunismo e ao niilismo russo em todas as suas formas"[42]. O abandono dessa opinião foi consequência, por certo injustificada, de alguns fatores que dificultaram a relação entre a Igreja e o Estado, o qual, não obstante, mantinha uma posição cristã[43] e firmemente contrária ao comunismo e à democracia, a toda forma de imoralidade, e de afirmação da unidade familiar etc.

A. O Hiperrracismo Religioso de Alfred Rosenberg

Embora não representasse a política oficial do regime, a influência de Rosenberg no Terceiro Reich foi importante, já que desde 24-I-1934 ele foi responsável pela formação doutrinal do Partido Nacional-Socialista. Não defendia o paganismo germânico — como muitos creem — pois, com

---

✠ **Nota da Libro & Moschetto:** Alguns leitores, ao se depararem com esse trecho, podem se lembrar do episódio em que o Vaticano foi fechado durante a presença de Adolf Hitler. Deixo aqui a explicação da historiadora católica sedevacantista Mary Ball Martínez: olha só o que ela comenta sobre esse episódio: "Com Achille Ratti (Papa Pio XI) já em seu octogésimo ano, sabe-se que o **Cardeal Pacelli (futuro Papa Pio XII) assumiu virtualmente o controle do Vaticano. Ciente de que Pio desejava receber Adolf Hitler em audiência durante uma próxima visita de Estado à Itália**, ele levou o Papa idoso para Castel Gandolfo. Depois, ao saber que o chanceler alemão havia manifestado particular desejo de ver os maiores afrescos de Michelangelo, **trancou a Capela Sistina**. Houve grande constrangimento por parte das autoridades italianas quando, sem aviso prévio, a comitiva acompanhante se deparou com uma placa, "fechado para reformas"." - A Questão Pacelli, p.54 - Mary Ball Martínez

41 *Niederschrift der Konferenz der bayerischen Bischöfe in Regensburg am 20. April 1933*, p. 1, Diocesan Archives, Eichstätt, *apud* Lewy, ob. cit., p. 40.

42 Franz von Papen, *Memórias*, p. 279, *apud* Lewy, ob. cit., p. 94.

43 Em 22-II-1933, o governo prussiano encabeçado por Goering dispôs a abolição do ensino laico e sua substituição pelo ensino religioso. Cinco dias mais tarde, no dia 27, o Führer assinou uma lei que dava caráter oficial a sete festividades católicas.

razão, considerava-o morto[44], mas propugnava um novo credo, a religião do sangue, a qual, por certo, nunca existiu em parte alguma. Em *O mito do século 20*, não especificou suas características, alegando que essa não era sua tarefa. Além de incluir nela Cristo, era partidário de que se estruturasse como Igreja Nacional Alemã, inspirado sem dúvida pelo anglicanismo, cujo caráter judaizante Rosenberg ignorava. Precisamente o que assombra em um especialista na questão judaica como ele é que não tenha percebido a natureza judaizante das seitas pré-reformistas e da Reforma, daí seus elogios aos cátaros, hussitas etc., assim como aos protestantes, em especial aos huguenotes. Mas isso se explica porque não pôde superar a cultura protestante na qual havia se formado[45].

Repetidas vezes Hitler havia indicado que *O mito do século 20* não refletia os princípios do nacional-socialismo, por exemplo, em 26-IV-1933, quando recebeu o bispo Berning e monsenhor Steinmann, fez notar que "ele estava pessoalmente convencido da grande força e significação do cristianismo e, portanto, *não permitiria o estabelecimento de nenhuma*

44 Aqueles que desejam a volta do Ocidente ao paganismo e eliminar o cristianismo supostamente judaizante têm entre suas metas a restauração daquele de origem germânica. À parte o caráter essencialmente antijudaico da Fé de Cristo, é preciso recordar-lhes que *aquele não teve influência alguma na civilização ocidental*, e sua inferioridade diante do cristianismo é mostrada pelo fato de que, em contradição com outros exemplos históricos, os invasores bárbaros do Império Romano cristão nem sequer tentaram impô-lo aos seus vencidos e, ao contrário, abraçaram a religião destes. O único paganismo que incidiu na civilização europeia foi o politeísmo greco-romano, que se encontrava em completa decomposição quando surgiu a Religião Cristã, a qual, não obstante as perseguições que sofreu, não pôde ser eliminada, ao contrário do paganismo, que se extinguiu rapidamente, sem pena nem glória, após a conversão de Constantino. Quanto ao panteísmo, do qual seus adeptos pagãos falam muito e quase nada sabem, é certo que era sustentado na Grécia e em Roma por alguns intelectuais e pensadores que rejeitavam os cultos politeístas, v. g., o do deus Sol, como mitos populares. Ora bem: o panteísmo se originou em Plotino, que esteve muito influenciado pelo quase certo judeu Numênio de Apameia (v. Rivanera Carlés, *A judaização do cristianismo*, vol. I, cap. 6, p. 149), e foi desenvolvido plenamente pelo hebreu Baruj Spinoza, destacando-se entre seus partidários modernos outros renomados judeus. Ora bem: o panteísmo spinozista é uma das fontes do materialismo dialético, segundo expôs o judeu Abram Moiseyevich Deborin (Joffe, 1881-1963), o mais influente filósofo soviético de fins da segunda década do século passado, que, ao completarem-se os duzentos e cinquenta anos da morte do de Amsterdam, junto com August Thalheimer publicou em 1928 o livro *Spinoza Stellung in der Vorgeschichte des dialektischen Materialismus* (*O lugar de Spinoza na pré-história do materialismo dialético*) (*EJ*, vol. 5, 1434). Os judaizantes são, portanto, tais panteístas neopagãos.

Em conclusão, o único inimigo real do judaísmo é o cristianismo e não o politeísmo pagão, o qual pertence à arqueologia religiosa e, menos ainda, o panteísmo que é uma teoria judaica. Em uma palavra, o que deve ser restaurado é o genuíno cristianismo católico suplantado pela Igreja Pós-conciliar.

45 Dotado de uma poderosa inteligência, Rosenberg, contudo, viu seu juízo deformado pela animadversão contra o catolicismo, que, absurdamente, acreditava ser uma seita judaica, quando é precisamente a primeira e única religião antijudaica da história. Sua falha capital era o desconhecimento da teologia, da história e da filosofia religiosas, o que o impediu de distinguir a ortodoxia católica das heresias judaizantes. Dessa maneira, não só lhe escapou o caráter da pré-Reforma e da Reforma, mas também o modernismo judaizante e o catolicismo liberal, que acreditou serem expressões legítimas do catolicismo. Tamanhos erros ensombrecem *O Mito*, onde escreveu páginas imperecíveis contra o judaísmo, a democracia, o bolchevismo, o pacifismo, o feminismo, a degeneração racial, a dissolução dos costumes, etc. Seu lamentável desvio doutrinal não pode ocultar que, com absoluto idealismo, dedicou sua vida à luta contra o judaísmo internacional e pela liberdade e grandeza da Alemanha. Essa é a causa de seu assassinato em Nuremberg.

nova religião. Por essa causa, havia se separado de Ludendorff, e o livro publicado por Alfred Rosenberg não lhe dizia respeito, já que se tratava da publicação de um particular"[46]. Sendo católico, não pensava tolerar outro *Kulturkampf* e os direitos da Igreja continuariam intactos"[47]. Acerca de *O mito*, reiterou sua opinião em 7-II-1934 na entrevista que concedeu ao cardeal-arcebispo de Colônia, Karl Joseph Schulte. "Segundo as notas em poder do purpurado e relativas a essa conversa com o Führer, este declarou com grande ênfase que não gostava do referido livro de seu colaborador. Apoiava, sim, Rosenberg, como teórico do nacional-socialismo, mas não se identificava com o Rosenberg autor do livro em questão"[48]. Lewy faz notar que "com frequência reagia com desprezo apenas dissimulado diante do plano de Rosenberg para chegar a um cristianismo germânico"[49]. Além de sua posição católica pessoal, sua ampla visão de homem de Estado lhe fez ver com clareza que o neopaganismo era um perigoso obstáculo para a plena identificação entre os católicos alemães e o nacional-socialismo[50]. Igualmente não escapou ao Führer a importância da Fé cristã para o soldado, tal como pôs em relevo na reunião de 4-XI-1936 com o cardeal Faulhaber: "O homem não pode subsistir sem sua crença em Deus. O soldado que durante três ou quatro dias suporta um intenso bombardeio precisa de um sustento religioso"[51]. Poder-se-á argumentar que estas duas últimas razões eram utilitárias, mas revelam outros motivos de sua rejeição ao neopaganismo, sobretudo no que diz respeito ao combatente, porque, exceto uma minoria de intelectuais, ninguém está disposto a morrer pela

46 Versão oficial alemã da entrevista, em Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes, II, Vatikan Politik 17, vol. 2, *apud* Lewy, ob. cit., pp. 68-69. No memorando de Berning e Steinmann, em contrapartida, diz: "Por esta razão me opus a Ludendorff, e rompi minha relação com ele, e *pela mesma razão rejeito o livro de Rosenberg*" (v. Müller, ob. cit., p. 118, *apud* Lewy, ob. cit., p. 461). É significativo que quarenta e oito horas depois da entrevista a obra de Rosenberg foi incluída no *Index*.

47 *Ib.*, em Lewy, p. 69.

48 Corsten (ed.), ob. cit., doc. 21, p. 19, *apud* Lewy, ob. cit., pp. 205-206.

49 Lewy, ob. cit., p. 33.

50 "Sem dúvida o regime começava a considerar os neopagãos como algo que supunha antes um fardo, um peso morto, do que um valor positivo para o nazismo. Os grupos neopagãos não somente agravavam as relações com as Igrejas cristãs. Também criavam um entusiasmo ideológico que podia rivalizar com a tarefa nazista de alistar mentes para seu movimento" (cf. Lewy, ob. cit., p. 210).

51 Diocesan Archives, Limburgo, 561/2 C, *apud* Lewy, ob. cit., 316. Nada ilustra melhor a ideia de Hitler sobre isto do que sua comovedora pintura a óleo, realizada na frente de guerra, do soldado agonizante a quem aparece o Senhor coroado de espinhos. Em chumbo sobre a chapa está escrito: "Nosso muito estimado Senhor Capelão [Cristo]. Cabo Adolf Hitler, 1915, no campo" (v. *Adolf Hitler als Maler und Zeichner. Ein Werkkatalog der Ölgemälde, Aquarelle, Zeichnungen und Architekturskizzen* [*Adolf Hitler como pintor e desenhista. Um catálogo de suas pinturas a óleo, aquarelas, desenhos e esboços arquitetônicos*], p. 80, Amber Verlag, 1983, impresso por Arnaldo Mondadori, Verona; a obra foi publicada por Billy F. Price).

indefinida crença rosenbergiana ou pelos deuses germânicos; sim, em contrapartida, pela Causa sagrada de Cristo Deus, pela Pátria e pela Raça. Por isso foram tomadas diversas medidas contra a tendência em questão. Em 2-XII-1935, a Gestapo da Baviera proibiu as reuniões públicas e a propaganda do movimento pagão de Ludendorff[52]. Também se fez o mesmo com as atividades da associação Fé na Alemanha, de Hauer[53]. Anos mais tarde, em novembro de 1941, o Governo desautorizou um programa de 33 pontos para a criação de uma Igreja Nacional do Reich de tipo neopagão. Os aliados atribuíram o projeto a Rosenberg, mas Heydrich responsabilizou "elementos católicos decididos a difamar o regime", isto é, democratas-cristãos ou católicos liberais[54]. Como corolário de tudo isso, o próprio Rosenberg, em janeiro de 1942, "com a aprovação de Bormann, proibiu para o futuro qualquer discussão de temas religiosos na tarefa de doutrinamento ideológico para membros do Partido"[55].

B. As Associações Católicas

Para compreender a importância do problema, é preciso fazer notar a extraordinária organização da Igreja local em plena expansão, que, embora dobrada em número de fiéis pelos protestantes, superava-os em sacerdotes e estruturas. "Organizada em vinte e cinco dioceses, a Igreja católica tinha ao final dos anos 20 mais de vinte mil sacerdotes para seus vinte milhões de fiéis, frente aos dezesseis mil pastores que atendiam às necessidades espirituais de quarenta milhões de protestantes alemães"[56]. As associações católicas de funcionários, camponeses, artesãos, trabalhadores, mulheres, jovens etc., reuniam milhões de membros, *v. g.*, a *Katholische Jugend Deutschlands* (Juventude Católica da Alemanha) contava, em 1933, com mais de 1.500.000 integrantes e 33 sociedades; entre elas, a *Katholische*

52 National Archives, Washington T-580, microfilme 113, estojo 35, *apud* Lewy, ob. cit., p. 210.

53 *Ib.* Em consonância com tais disposições, é preciso ver a ordem do Reichsführer da SS, Heinrich Himmler, de 20-IX-1935, que reprimia toda manifestação de intolerância religiosa, desprezo dos símbolos sagrados, etc. (v. National Archives, Washington T-175, microfilme 149, estojo 2677453, *apud* Lewy, *ib.*).

54 Informação de Heydrich ao Ministério do Exterior do Reich, novembro de 1941, Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes, Bonn IIg. 44, *apud* Lewy, ob. cit., p. 339. O autor do programa, escrito em 1937, era um indivíduo excêntrico domiciliado em Stettin, que havia sido preso por interromper cerimônias religiosas (*ib.*).

55 Ordem de 27-I-1942, cópia em Bundesarchiv, Coblença, pp. 251-302, *apud* Lewy, ob. cit., p. 339.

56 Lewy, ob. cit., p. 4.

Jungmännerverband (Associação de Jovens Católicos), com cerca de 390.000 membros, e a *Deutsche Jugendkraft* (Força Juvenil Alemã), que tinha 250.000.

Após a assinatura da concordata, numerosas organizações expressaram sua adesão ao Novo Estado, *v. g.*, a *Katholischer Lehrerverband* (*Associação de Mestres Católicos*), que, em 1-IV-1933, por meio de seu presidente, August Weber, deu um comunicado ressaltando que o movimento hitleriano havia superado o antigermanismo da Revolução de 1918, exortou seus integrantes a participar na forja da Nova Ordem e pediu-lhes encarecidamente que fossem "amigos e favorecedores do movimento nacionalista, o qual tem hoje o poder e a honra de contribuir para a vida [pública] tudo quanto nisto há de novo e saudável para nosso povo"[57]. A *Kundgebung der Katholischen Arbeiterbewegung Deutschland* (*Movimento Católico de Trabalhadores Alemães*) fez o mesmo no dia seguinte, declarando que se achava pronta para colaborar na criação de um Estado Nacional forte e de uma ordem político-cristã e germânica[58]. Em termos parecidos, em 18-V-1933, o secretário-geral da *Katholischer Gesellenverein* (*Associação de Artesãos Católicos*), Nattermann, dirigiu uma epístola ao Chanceler, por ocasião do congresso nacional de aprendizes a celebrar-se em junho na cidade de Munique, na qual se decidiria o respaldo a ele e à Revolução Nacional-Socialista. "Vemos no senhor — dizia — não somente a autoridade nomeada pelo céu, mas o condutor que realizou, valendo-se do poder político, aquilo que nosso fundador e guia, Adolf Kolping, tentou conseguir por meio de uma transformação intelectual, isto é, a superação, o triunfo sobre o liberalismo e o socialismo"[59]. Essas declarações e outras de igual conteúdo não respondiam, como se pode crer, à declaração do episcopado, mas esta é que refletia a identificação crescente de tais associações com o nacional-socialismo. "Seria um erro considerar todas essas afirmações em prol de uma leal colaboração com o nazismo como originadas pela declaração episcopal. Os bispos atuaram — ao menos em parte — em resposta ao

57 KÖLNISCHE VOLKSZEITUNG, n° 88, 1-IV-1935, reproduzida por Müller, ob. cit., doc. 36, pp. 86-87, *apud* Lewy, ob. cit., p. 56.
58 *Kundgebung der Katholischen Arbeiterbewegung Deutschland*, *ib.*, doc. 39, pp. 91-93, *apud* Lewy, ob. cit., p. 56.
59 Bundesarchiv, Coblença, R 43 II/174, *apud* Lewy, ob. cit., p. 62.

progresso de tais sentimentos no interior das fileiras do catolicismo germânico”[60].

Bom número delas se dissolveram, incorporando-se a suas similares nacional-socialistas, enquanto muitos integrantes da *Katholische Jugend Deutschland* passaram para a *Hitler-Jugend*, e em outros casos formaram-se seções desta dentro das associações, inclusive em seminários, com autorização da Igreja[61]. O presidente da *Katholische Jungmännerverband*, monsenhor Ludwig Wolker, declarou a seus membros que a concordata os obrigava não só a respeitar e obedecer às leis do Governo, mas também a “reconhecer o novo Estado de caráter nacional-socialista, suas ideias, sua direção e formas características, e o [dever] de se porem eles mesmos à sua disposição com absoluta vontade de ação e fidelidade”[62]. Simultaneamente, deu-se a ordem de que toda a juventude católica devia adotar a saudação de braço erguido, o *Deutscher Gruss*[63], e que a bandeira nacional-socialista devia ser levada com as da entidade[64].

No princípio, o Governo do Reich aceitou a dupla filiação, mas, em 6-II-1939, a *Katholische Jugend Deutschlands* foi dissolvida. Isso era lógico porque tal associação e outras similares, organizadas em moldes milicianos, com instrução militar[65] e uniformizadas, constituíam obstáculo insuperável para unir a juventude alemã, cindida entre protestantes e católicos, no ideal nacional-socialista. Que tal objetivo não se alcançasse era vital para os inimigos da Alemanha e do cristianismo. Mas também havia muitas organizações que, como o Governo do Reich denunciava,

60 Lewy, ob. cit., p. 57.

61 Acerca das seções da Juventude Hitlerista nos seminários, existe o interessante testemunho do vigário-geral Riemer, da diocese de Passau, que, ao referir-se à do monastério beneditino de Schweiklberg, na Baviera, expressou que “enquanto os padres da citada ordem mantivessem o controle do mesmo, a Igreja poderia mostrar-se de acordo com semelhante postura” (v. Riemer ao abade Maier, 13-III-1934, Bundesarchiv, Coblença, NS 10/81, *apud* Lewy, ob. cit., p. 162).

62 DIE WACHT, XIX, p. 260 e ss., 1933, em Müller, ob. cit., doc. 88, p. 192, *apud* Lewy, ob. cit., p. 143.

63 A saudação romana de braço erguido, denominada pelos nacional-socialistas Saudação Alemã, foi empregada habitualmente pelas hierarquias e pelo clero da Igreja local, v. g., em 7-III-1934, quando o cardeal Faulhaber entrou no gabinete do ministro bávaro do Interior, Adolf Wagner, fez uma “impecável saudação hitleriana, conforme o costume” (cf. Bundesarchiv, Coblença, EAB 251a/301, *apud* Lewy, ob. cit., pp. 487-488). O vigário-geral berlinense, Steinmann, em companhia de outros sacerdotes, respondeu da mesma maneira à saudação de Hitler, durante o desfile perante ele da juventude católica em agosto de 1933 (cf. VÖLKISCHER BEOBACHTER, n° 236, 24-VIII-1933, *apud* Lewy, ob. cit., p. 141). Também era usual que o bispo de Osnabrück, Wilhelm Berning, terminasse suas cartas aos funcionários governamentais com “*Mit deutschem Gruss und Heil Hitler* (Com minha saudação alemã e Heil Hitler)” (v., p. ej., carta a Rust de 2-V-1935, em Diocesan Archives, Passau, *apud* Lewy, ob. cit., p. 488).

64 *Ib.*, doc. 84, pp. 180-181, *apud* Lewy, *ib.*

65 A instrução militar das mesmas foi proibida por Hitler.

prosseguiam dissimuladamente a tarefa antinacional-socialista do *Zentrum* e do Partido Popular Bávaro. E sua permanência, além disso, obstaculizava a unificação da Comunidade do Povo. Por isso foram proibidas, como ocorreu em 24-VI-1933 com o democrata-cristão Congresso dos Sindicatos Cristãos, que respondia àqueles. A Ação Católica não foi proibida por se tratar de uma organização dependente de Roma, apesar de que "trabalhava em estreito acordo com as diretrizes emanadas do *Zentrum*"[66].

Não se pode julgar a situação alemã, repito, sem valorizar adequadamente a divisão confessional. E o caráter pseudocatólico dos citados partidos.

C. A Destituição de Funcionários Católicos

As demissões de inúmeros funcionários católicos que foram denunciadas, assim como as prisões de católicos, não se deviam à religião, certamente, mas à sua condição de membros e dirigentes do *Zentrum* e do Partido Popular Bávaro, que se destacaram por suas atividades antinacional-socialistas e contra o Novo Estado.

D. A Imprensa Católica

Um caso similar ao das organizações católicas ocorreu com a imprensa, grande parte da qual aderiu ao nacional-socialismo. Os jornais deixaram de existir porque lhes foi proibido publicar informações e comentários políticos, enquanto a censura dos periódicos estava justificada pelo que já foi analisado sobre aquelas, mas havia um ponto em que não houve solução satisfatória para a Igreja: desde 1-I-1936, proibiu-se a crítica ao neopaganismo de Rosenberg, embora não se mencionasse este, para defendê-lo apenas porque "a persecução de tais polêmicas podia

66 Lewy, ob. cit., p. 96.

afetar a unidade nacional e criar um espírito de hostilidade contra o Estado ou o Partido”[67].

De qualquer modo, a imprensa católica apoiou decididamente o regime nacional-socialista até o fim, como se pode ver no MARTINUS-BLATT, semanário oficial da diocese de Magúncia, que em 1939 contava com meio milhão de leitores[68]. Em 25-IV-1941, diante da falta de papel, foram suprimidas todas as publicações diocesanas. “Essa supressão das publicações diocesanas se explicava falando da necessidade de aproveitar todo o papel de imprensa existente no país, e certamente a escassez que este ocasionou havia tornado muito real essa questão. Ao mesmo tempo que desaparecia a imprensa confessional, cerca de 190 publicações periódicas de filiação católica, interrompeu-se a de 1.200 revistas dos mais variados tipos, e, desde logo, *procedeu-se ao fechamento da imprensa protestante. Mas, apesar de tudo, houve muitas publicações que continuaram vivas*”[69].

E. As Leis de Esterilização e Eutanásia

A primeira é de 25-VII-1933 e entrou em vigor em 1-I-1934. Tinha a elevada meta de evitar o nascimento de seres com graves anomalias e doenças hereditárias, mas o meio era incorreto. A respeito, a posição católica, que se baseia na ordem natural, sustenta que, nesses casos, a única forma legítima de não procriar é a abstenção do comércio sexual, em virtude de que a esterilização implicaria aceitar o matrimônio sem fins reprodutivos, o que é também oposto à doutrina nacional-socialista. O que, sim, é lícito é exortar os portadores de defeitos e afecções graves transmissíveis a não se casarem, pelo bem dos filhos e do interesse

67 *Ib.*, pp. 177-178.
68 *Ib.*, p. 192.
69 *Ib.*, p. 200.

coletivo[70]. Nos casos mais graves, sida, loucura etc., o Estado, é claro, tem o dever inexcusável de proibir o matrimônio.

A lei de eutanásia de 2-IX-1939 durou pouco tempo, porque foi deixada sem efeito em agosto de 1941 por ordem do Führer, em razão da oposição da Igreja. Nesse caso, o conhecido bispo de Münster, Clemens von Galen, antinacional-socialista, teve, ao que parece, papel destacado na suspensão da medida, em razão da ampla repercussão de seu sermão de 3 de agosto daquele ano[71]. O fato é um desmentido rotundo ao suposto governo despótico que oprimia a Igreja, e é ainda mais chamativo porque nesses momentos Hitler se encontrava no ponto mais alto de seus triunfos militares e políticos.

70 Nas normas de aplicação de 5-XII-1933 fizeram-se duas importantes concessões aos católicos, já que se autorizou que os que tivessem doenças hereditárias não pudessem ser esterilizados se se comprometessem a recluir-se em um instituto especial ou a viver nele. Por outro lado, os médicos que, por motivos de consciência, se opusessem a realizar a esterilização seriam eximidos disso se avisassem oportunamente, embora isto último não compreendesse o pessoal do Estado (v. REICHSGESETZBLATT, 7-XII-1934, *apud* Lewy, ob. cit., p. 347).

71 Lewy, ob. cit., pp. 351-355.

4. Apoio da Igreja aos aspectos principais do Regime Nacional-Socialista

À margem da mudança que se operou em Pio XI, apesar dos fatos expostos, o episcopado, o grosso do clero e praticamente a totalidade dos católicos brindaram seu apoio ao nacional-socialismo e ao Führer da Nova Alemanha. Isso não quer dizer que não se tenham produzido atritos e queixas por parte da Igreja, em razão de algumas disposições como as que acabo de assinalar. Em poucas críticas, contudo, faltava-lhes razão e eram consequência da formação heterodoxa do episcopado. De qualquer modo, o balanço foi amplamente positivo para o regime nacional-socialista, e são inumeráveis as declarações da Igreja alemã nesse sentido. Limitar-me-ei, pois, às mais significativas sobre os temas principais[72].

A. O Antijudaísmo

A oposição ao judaísmo inimigo de Cristo, da Alemanha e de toda a humanidade era apoiada resolutamente, como era lógico, por importantes prelados.

- Antonius Hilfrich, bispo de Limburgo, que em sua carta pastoral da Quaresma de 1939 expressou que *"a religião cristã não teve sua*

72 Foram muitas as personalidades do clero que aderiram ao Estado Nacional-Socialista. Por ex., o Dr. Anton Stonner, especialista em educação religiosa, destacou o notável paralelismo entre as instituições cristãs da missão e do monastério e o princípio nacional-socialista do mando e o conceito de obediência absoluta das SA e SS. O caráter totalitário do Estado Nacional-Socialista —observou— não pode afetar a relação com a Igreja, a qual também é totalitária, embora suas metas sejam de ordem diferente (v. A. Stonner, *Nationale Erziehung und Religionsunterricht*, pp. 148, 153 e 157, Ratisbona, 1934, *apud* Lewy, ob. cit., pp. 217-218). Foi editado com o correspondente *Imprimatur* e "foi calorosamente elogiado por diversas gazetas diocesanas" (v. Lewy, *ib.*, p. 479). O Dr. Jakob Hommes estimou que o nacional-socialismo era uma força benéfica que haveria de impedir "o suicídio da civilização ocidental ameaçada pelo individualismo, pelo racionalismo e pelo humanismo, transmitidos pela Ilustração" (cf. J. Hommes, *Lebens und Bildungsphilosophie als völkische und katholische Aufgabe*, p. 152, Friburgo de Brisgóvia, 1934, *apud* Lewy, ob. cit., p. 218; neste último diz "humanitarismo", mas é evidentemente uma errata...). Por sua vez, o publicista Franz Taeschner elogiou o "Führer, dotado de genialidade", enviado pela Providência para culminar os ideais sociais do catolicismo, solicitando a seus leitores "converter-se em firmes e seguros nacional-socialistas, do mesmo modo que já eram devotos católicos" (v. F. Taeschner, *Der Totalitätsanspruch des Nationalsozialismus und der deutsche Katholizismus*, pp. 38-51, Münster, 1934, *apud* Lewy, ob. cit., p. 218). A respeito da suástica, o reputado teólogo Konrad Algermissen a considerou "fogo,/ animou-nos com orgulhosa coragem./ Em nosso círculo não bate nenhum coração/ que falte covardemente à lealdade./ Não temos nem a morte nem o diabo!/ Deus é nosso aliado!" (v. *Povo ao fuzil! Livro Oficial de Canções do NSDAP*, p. 12, ed. Milicia, Buenos Aires, 1976; Kohler, ob. cit., p. 39).

origem na natureza desse povo [o judeu], isto é, não se encontra influenciada por suas características raciais, ***antes deveria ter aberto caminho contra esse povo****"*[73].

- O arcebispo Gröber, em seu *Handbuch*, fez notar que o marxismo havia sido fundado pelo judeu Karl Marx[74] e definiu o sistema bolchevique como "um despotismo estatal asiático, realmente a serviço de um grupo de terroristas dirigidos por judeus"[75]. "O Führer, julgava o mesmo artigo da obra, havia descrito corretamente a luta contra essa força do mal como uma defesa da civilização europeia contra a barbárie asiática"[76]. "Nenhum país, continuava o prelado, pode evitar o encontro entre sua tradição nacional e o marxismo, que se opõe aos vínculos nacionais e está dirigido principalmente por agitadores e revolucionários judeus"[77]. Com respeito à arte, assinalava o judeu como o fautor das mais insanas e antialemãs expressões dela: "A politização da arte se devia igualmente, em boa parte, ao 'judeu sem pátria e pervertido pelo ateísmo'"[78].
- O bispo Alois Hudal, encarregado dos católicos alemães de Roma, aprovou as leis raciais de Nuremberg, observando que elas "constituíam uma necessária medida de autodefesa contra a influência de elementos estrangeiros. A própria Igreja, em sua legislação particular, alegava o prelado, havia mantido uma postura radical quanto à questão judaica "até que os muros do *gueto* foram derrubados no século XIX, primeiro pelo Estado liberal, e não pela Igreja. Por isso, "do ponto de vista desta, não cabia fazer objeções a leis que tivessem disposições discriminatórias contra os hebreus". E, acrescentou, "os princípios do Estado moderno (baseados na regra de igual tratamento para todos perante a lei) foram criados pela

73 AMTSBLATT DES BISTUMS LIMBURG, n° 1, pp. 1-8, 6-II-1939, *apud* Lewy, ob. cit., pp. 368-369.
74 Arcebispo Konrad Gröber, *Handbuch der religiösen Gegenwartsfragen* (*Manual de questões religiosas de atualidade*), art. *Marxismus*, p. 404, Friburgo de Brisgóvia, 1937, *apud* Lewy, ob. cit., p. 369.
75 *Ib.*, art. *Bolchevismus*, p. 86, *apud* Lewy, *ib.*
76 Lewy, *ib.*
77 *Ib.*, art. *Bolchevismus*, p. 87, *apud* Lewy, *ib.*
78 *Ib.*, *Kunst*, p. 372, *apud* Lewy, *ib.*

Revolução Francesa e não constituem o ideal do ponto de vista do cristianismo ou da nacionalidade”[79].

Na referida audiência com o bispo Berning e monsenhor Steinmann, ao abordar o problema judaico, o Führer voltou a destacar “o acordo fundamental, de base, que via entre o nacional-socialismo e o catolicismo, pôs em relevo que a Igreja sempre havia considerado os judeus como parasitas sociais e, consequentemente, os enviou a viver em guetos. Ele iria, simplesmente, prosseguir o que a Igreja havia feito durante quinze séculos”[80].

B. A Doutrina Racial

O racismo tem sido objeto de uma deformação grosseira pela propaganda constante de seus inimigos judeus, democratas e marxistas, bem como dos católicos neomodernistas, e entre os que foram enganados por suas calúnias acham-se numerosos patriotas e católicos ortodoxos. Cumpre refutar tantos infúndios.

Tal concepção não é, certamente, um materialismo biológico, mas o reconhecimento das diferentes raças criadas por Deus, as quais possuem determinadas características psicofísicas. Esse fato fundamental acarreta a necessidade vital de proteger a identidade da própria raça, impedindo os matrimônios inter-raciais. A raça, contudo, não é um valor absoluto, pois está subordinada a outros valores superiores e transcendentes, *v. g.*, a Nação, da qual constitui o substrato. Bem se pode dizer que ela é para a

79 Bispo A. Hudal, *Die Grundlagen des Nationalsozialismus: Eine ideengeschichtliche Untersuchung von katholischer Warte*, pp. 75 e 88, Leipzig e Viena, 1937, *apud* Lewy, ob. cit., p. 374. Entre os diversos sacerdotes católicos que denunciavam a conjura permanente do judaísmo contra o cristianismo e a Alemanha, Karl Adam manifestou sua conformidade com a extirpação da mentalidade judaica na imprensa, na literatura, na ciência, na arte, etc. (v. K. Adam, *Deutsche Volkstum und Katholisches Christentum*, THEOLOGISCHE QUARTALSCHRIFT, CXIV, pp. 60-62, 1933, *apud* Lewy, ob. cit., p. 371). O padre Wilhelm Maria Senn, por sua vez, apontou Adolf Hitler como “a ferramenta de Deus, chamada a destruir o judaísmo” (cf. MITTEILUNGSBLATT, n° 6, p. 8, 15-V-1934, *apud* Lewy, ob. cit., p. 372). O mencionado é autor de *Katholizismus und Nationalsozialismus*, Münster, 1931). Entre os sacerdotes nacional-socialistas que escreveram sobre a questão, é preciso mencionar o teólogo Kofer e seu citado escrito *Judaísmo e Igreja Católica* (1923), cuja segunda edição foi publicada pela editora do NSDAP em 1928.

80 Lewy, ob. cit., p. 68. Escusado assinalar que o parasitismo judaico é apenas um aspecto tanto da política da Igreja como da do Terceiro Reich.

Nação o que o corpo é para a alma, daí que se deva manter sua saúde, isto é, sua pureza e unidade, para que aquela cumpra seus elevados fins.

"Racismo" é um vocábulo contemporâneo para definir uma realidade que os homens respeitaram ao longo da história, mas que só com o início da mestiçagem em grande escala se converteu em um problema importante. Embora como doutrina seja uma criação dos arianos, seus postulados científicos têm validade para as demais etnias que querem preservar sua identidade: índios, negros, amarelos etc. O fato de que seus fundadores e teóricos fossem dessa origem e afirmassem a superioridade de sua raça foi utilizado habilmente pela propaganda antirracista para desnaturar a doutrina, apresentando-a como a aspiração ao despotismo da raça indo-europeia[81]. Nada mais falso, pois, longe de pregar o ódio étnico, *o autêntico racismo respeita as diversas raças e afirma a necessidade de sua plena realização* — com exceção, é claro, da judaica, que é inimiga de todas —, e por isso sustenta que os juízos de valor sobre cada uma, naturais e legítimos, são privativos de seus integrantes e devem ser expostos sem agravos para as demais. Em uma palavra, o racismo, e só ele, garante a harmonia das raças.

O racismo genuíno, e este é um ponto essencial, não propicia um absurdo internacionalismo racista, mas, como doutrina patriótica por excelência, busca a preservação da etnia nacional, é, portanto, um *nacionalismo racial*. Acerca disso, cumpre notar que, embora em geral as nações possuam um tronco racial comum, tal ocorre com os países árabes, negros, arianos etc., cada uma delas tem caracteres étnicos próprios, resultado da endogamia nacional — permita-se-nos o termo — que produz uma diferenciação marcada, a qual, junto com a língua, a cultura e os hábitos, confere-lhe sua personalidade única, que é produto da história. Até poucos anos atrás, em virtude de que a mestiçagem não tinha o alcance do presente, o racismo era quase um tema acadêmico para a maioria das pessoas, que pensava que em nada afetava sua vida; em contrapartida, agora, diante da imigração massiva de raças estranhas que na Europa se tornou uma autêntica invasão (no sentido militar do termo), converte-se

81 Infortunadamente, destacados teóricos racistas, p. ex., Vacher de Lapouge, caíram no erro nordicista, isto é, na supervalorização acientífica de um dos grupos da raça ariana, em detrimento da unidade desta.

em uma questão de vida ou morte: ninguém pode escapar ao fato de que o ingresso maciço em uma Nação de milhões de indivíduos de outras etnias, em um tempo brevissímo, modificará *irreversivelmente* a identidade da população e, cumpre assinalá-lo, tal Nação desaparecerá, isto é, sua cultura, sua língua e até sua religião se extinguirão. É demasiado visível e manifesto que sem sua cultura, sua língua e até sua religião. É demasiado visível e manifesto que, sem espanhóis, não existirá Espanha; sem alemães, Alemanha etc. Alguém poderia negar, por exemplo, que, se 50 milhões de franceses imigrassem para o Egito, este perderia seu tipo étnico, sua cultura, seu idioma e seus costumes? O suposto integracionismo racial se funda em uma ideia culturalista negadora das etnias e, portanto, por meio de uma gigantesca e planejada mestiçagem forçosa, destrói com elas as nacionalidades históricas. A defesa da raça é, pois, a defesa da Nação, *e — no Ocidente — também do catolicismo*, que, ferido de morte pelo sectarismo judaizante, se vê ameaçado pelo caos sincretista que sobrevirá se ocorrer o desaparecimento das nacionalidades históricas. Daí que a consigna salvadora do século XXI seja Deus, Pátria e Raça. O adversário mortal do racismo é o judaísmo, que quer destruir todas as raças para que a sua imponha sua despótica dominação.

A genialidade de Adolf Hitler e o mérito imperecível do nacional-socialismo consistem em ter atentado para a verdade fundamental esquecida de que, sem unidade de sangue, não há Nação possível. Além de sua luta gigantesca contra o bolchevismo, ao erguer a bandeira do racismo, o Führer converteu-se no salvador da Europa e do mundo.

Vejamos alguns juízos de prelados da Igreja alemã relativos a esta questão:

✠ “A era do individualismo cedeu diante de uma nova época que, com toda justiça, busca um retorno aos laços de sangue” (Wilhelm Berning, bispo de Osnabrück, 1934)[82].

82 W. Berning, *Katholische Kirche und Deutsches Volkstum*, p. 9, Munique, 1934, *apud* Lewy, ob. cit., p. 217. O livro foi enviado ao Führer pelo autor “como penhor de minha devoção”, sublinhando em sua epístola de 5-V-1934 os serviços da Igreja “à nacionalidade germânica enquanto comunidade de sangue, língua e cultura” (Bundesarchiv, Coblença, R 43 II/175; v. Lewy, *ib.*).

✠ “Muitas das ideias nacional-socialistas já estavam inseridas na doutrina católica. A Igreja sempre havia admitido o significado da raça, do solo e do sangue, e tudo isso constituía valiosos dons divinos e recebia sua consagração especial graças ao cristianismo.” (Alocução de Adolf Bertram, cardeal-arcebispo de Breslau, diante do sínodo arquidiocesano, 1935)[83].

✠ “Raça, solo, sangue e povo são valores preciosos e naturais que Deus Nosso Senhor criou, e cujo cuidado confia a nós, alemães.” (Declaração do episcopado alemão, fevereiro de 1936)[84].

✠ “O sangue e a raça participaram da formação da história alemã.” (Homilia de Michael Faulhaber, cardeal-arcebispo de Munique e Freising, 31-XII-1936)[85].

✠ No mesmo sentido, o *Handbuch* do arcebispo Gröber, editado com “a recomendação do episcopado alemão”, sustenta que o cristianismo e a raça não se opõem, mas são valores de ordens diversas que se complementam mutuamente[86]:

“Todo povo carrega sobre si a responsabilidade por sua existência feliz, e a adição de sangue inteiramente estrangeiro sempre representará um risco para uma nacionalidade que demonstrou historicamente seu valor. Daí que *a nenhum povo se possa negar o direito de manter sem mescla suas condições raciais anteriores e de ditar as salvaguardas que julgue oportunas para tal fim.* A religião cristã pede apenas que os meios usados para isso não ofendam a lei moral e a justiça natural”[87].

✠ “Se houvesse algum sacerdote que ridicularizasse ou desprezasse os conceitos de sangue, solo, raça, nesse caso ele não apenas se arriscaria a ataques no campo político e à perseguição da lei, *mas também ofenderia ideologicamente a sua própria Igreja, e iria contra ela.* Porque essas palavras expressam tantas vezes pertencem às possessões naturais,

---

83 *Erzbischöfliches Ordinariat Breslau*, em *Diözesansynode des Erzbistums Breslau 1935*, pp. 12-13, Breslau, 1936, *apud* Lewy, ob. cit., pp. 219-220.

84 *Katholische Grundsätze für den Religionsunterricht*, AMTSBLATT FÜR DIE ERZDIÖZESE FREIBURG [Boletim Oficial da Arquidiocese de Friburgo], nº 9, p. 61, 4-III-1936, *apud* Lewy, op. cit., p. 221.

85 *Münchener Kardinalspredigten*, Primeira Série, p. 11, Munique, 1936, *apud* Lewy, op. cit., p. 221.

86 Mons. Gröber, *Handbuch*, etc., art. *Rasse*, pp. 536-537, *apud* Lewy, op. cit., p. 221.

87 *Ib.*, p. 536.

especialmente valiosas, que Deus nos deu, e que representam o fundamento natural em ordem ao sobrenatural. O fato de sermos cristãos e católicos certamente devemos muito e em primeiro lugar ao fato de que, graças à providência de Deus, nascemos em determinada atmosfera familiar, em nossa pátria e em nossa raça (a correta ordem de tais valores deve ser esclarecida) [...] e é preciso ajudar as pessoas a compreender estes conceitos, conceitos que lhes são apresentados com tão grande entusiasmo, *a fim de que os incorporem em sua Weltanschauung de índole religiosa.*" (Vigário-geral Miltenberger, *Comunicação para o clero da Diocese de Wurtzburgo*, 14-XII-1937)[88]. Ditos textos, entremeados a muitos outros, são a prova inequívoca de que a condenação pontifícia estava dirigida ao hiperracismo religioso de Rosenberg, e não aos princípios raciais nacional-socialistas vigentes no Reich. Note-se que o último documento, cuja importância é desnecessário destacar, foi dado a conhecer ao se completarem nove meses da encíclica *Mit brennender sorge* (v. *infra*).

88 *Mitteilungen für den Klerus der Diözese Würzburg*, 14-XII-1937, em Diocesan Archives, Passau, *apud* Lewy, ob. cit., p. 220. O reputado teólogo pós-conciliar Michael Schmaus, então professor de teologia dogmática em Münster, declarou-se partidário do nacional-socialismo e de seus princípios raciais, expressando que os católicos tinham de compartilhar "*a justa preocupação por manter a pureza do sangue, base da estrutura espiritual do povo*" (cf. M. Schmaus, *Begegnungen zwischen katholischem Christentum und nationalsozialistischer Weltanschauung* [*Encontro entre o cristianismo católico e a concepção de mundo nacional-socialista*], p. 29, 2ª ed., Münster, 1934, *apud* Lewy, ob. cit., p. 55). O livro, com aprovação eclesiástica, fazia parte da coleção *Reich und Kirche*, a qual explicava assim seus objetivos: "*Reich und Kirche* é uma coleção que tem o propósito de servir à edificação do Terceiro Reich unindo as forças do nacional-socialismo e da cristandade católica [...] Realmente a restauração da ordem política pede sua coroação mediante os recursos próprios do religioso. O despertar e tornar mais profunda a compreensão dessa tarefa é talvez o labor espiritual de maior empenho que corresponde ao catolicismo alemão e sua melhor contribuição ao êxito desse grandioso trabalho de restauração alemã ao qual o Führer nos chamou" (v. texto na capa de Joseph Lortz, *Katholischer Zugang zum Nationalsozialismus kirchengeschichtlich gesehen*, Münster, 1933, *apud* Lewy, ob. cit., p. 145). O ainda mais famoso teólogo Karl Adam manifestou o seguinte acerca de Adolf Hitler e da pureza de sangue: "Aí o temos diante de nós, ele, a quem as vozes de nossos poetas e cientistas chamaram à realidade, o libertador do gênio germânico. Tirou a venda de nossos olhos e, através de todos os obstáculos de ordem política, econômica, social e confessional, permitiu-nos vislumbrar e amar de novo um único e essencial tema: nossa unidade de sangue, nosso eu de alemães, o *Homo Germanus*" (v. K. Adam, art. e revista cits., p. 42, *apud* Lewy, ob. cit., p. 146). Ao referir-se à necessidade de impedir a mistura do povo alemão com os judeus, o nomeado a considerava parte da autodefesa daquele, posto que "o mito dos alemães, sua cultura e sua história, estão definitivamente conformados pelo sangue" (*Ib.*, pp. 60-62). Adam afirmava que o catolicismo e o nacional-socialismo não se opunham, mas "andavam de comum acordo como a Natureza e a Graça" (*Ib.*, p. 59). O artigo não foi incluído na miscelânea de 1952, por ocasião dos 75 anos daquele: *Abhandlungen über Theologie und Kirche: Festschrift für Karl Adam*, ed. Marcel Reding.

C. A Luta Contra o Bolchevismo

Ao começar a guerra civil espanhola, a Igreja alemã, reunida na Conferência de Fulda, deu a conhecer um documento no qual expressou que a Alemanha "tinha de reforçar seu vigor militar "de forma que, em momentos posteriores, não somente uma Europa limpa do bolchevismo, mas todo o mundo civilizado resgatado tivesse de nos agradecer". Se a Espanha acabasse sucumbindo diante do bolchevismo, o futuro da Europa se veria no mais sério perigo. "A tarefa que isto impõe ao nosso povo e à nossa pátria deriva disso do modo mais lógico e natural. Oxalá nosso Führer, com a ajuda de Deus, consiga terminar tão enormemente difícil compromisso com a inquebrantável determinação e a fiel ajuda de todos os *Volksgenossen!*" (Carta pastoral do episcopado reunido na Conferência de Fulda, 19-VIII-1936)[89].

✠ "Havia chegado uma hora fatal, advertiam os bispos: o bolchevismo russo começava sua marcha rumo à Europa. O Führer e chanceler do Reich, Adolf Hitler, viu de muito longe o avanço do bolchevismo, e seus pensamentos e aspirações se dirigem a evitar esse horrível perigo para nosso povo alemão e para todo o Ocidente. "Os bispos alemães consideram estar cumprindo seu dever de apoiar o chefe do Reich germânico com todos os meios que a Igreja tem à sua disposição". A cooperação para repelir tal ameaça é uma tarefa de índole religiosa, afirmavam os prelados em sua declaração conjunta[90]. E continuavam dizendo que não pretendiam intrometer-se no domínio do político nem propagar o chamado a uma nova guerra. Mas tinham de mobilizar todas as forças espirituais e morais da Igreja a fim de "reforçar a confiança no Führer" [...] Mesmo quando rejeitamos as interferências nos direitos da

89 Corsten (ed.), ob. cit., doc. 112, pp. 131-132, *apud* Lewy, ob. cit., p. 277.

90 Na longa entrevista de 4-XI-1936 que Hitler concedeu ao cardeal Faulhaber (v. infra), havia-lhe assinalado as terríveis consequências de um triunfo vermelho na Espanha. "A Igreja católica não deve se enganar: se o nacional-socialismo não consegue derrotar o bolchevismo, nesse caso a Igreja e o cristianismo na Europa estão acabados. O bolchevismo é o inimigo mortal da Igreja tanto quanto possa sê-lo do fascismo." Faulhaber respondeu dizendo que a Igreja esteve sempre muito a par de tal ameaça. Os bispos alemães, disse, haviam manifestado seus pontos de vista sobre o bolchevismo na carta pastoral conjunta de 1936 [19-VIII-1936] e em outras de anos anteriores. Ele estava presente em pessoa quando Pio XI chamou [em 1933] o chanceler alemão de "o primeiro homem de Estado que, junto com o Pontífice, havia reconhecido claramente o perigo bolchevique". O Führer disse ao término do encontro que "ou vencem de comum acordo o nacional-socialismo e a Igreja, ou perecem juntos" (cf. Lewy, ob. cit., p. 279).

Igreja, queremos respeitar os direitos do Estado no que se refere à sua jurisdição própria e ver também os elementos bons e grandiosos do trabalho do Führer. Nós, os bispos alemães, concluímos, portanto, com esta exortação: não vos deixeis arrastar ao descontentamento e à raiva por pessoas insatisfeitas. Essa postura sempre deu origem a um terreno fértil para os sentimentos bolcheviques!" (Carta pastoral do episcopado, 24-XII-1936)[91].

D. A Política Exterior

✠ *O ABANDONO DA SOCIEDADE DAS NAÇÕES.* Em 14-X-1933, o Führer anunciou a medida, porque essa organização desconhecia a soberania e os direitos nacionais da Alemanha. No dia seguinte, a Ação Católica berlinense enviou-lhe um telegrama cujo texto é o seguinte: "Nesta hora decisiva para a nação, os católicos da diocese de Berlim, impelidos por seu inquebrantável amor ao povo e à pátria, apoiam unanimemente o Führer e Chanceler em sua luta pela igualdade de direitos, pela honra da nação e pela restauração de uma paz justa entre todos os povos"[92]. O mesmo fez a Associação de Estudantes Católicos: "Após as históricas decisões de 14 de outubro, os estudantes e antigos camaradas organizados no *Burschenschaft* católico voltam a proclamar sua absoluta e ilimitada lealdade ao Führer do povo alemão em sua luta pela honra e pela liberdade da pátria"[93].

A Igreja alemã, por meio de diversos documentos, apoiou o plebiscito de 12 de novembro, no qual 95% da população respaldou a histórica decisão de Hitler.

---

91 *Hirtenwort der deutschen Bischöfe über die Abwehr des Bolschewismus* (v. Corsten [ed.], ob. cit., doc. 130, pp. 151-161, *apud* Lewy, ob. cit., pp. 281-282). A pastoral foi lida no primeiro domingo do novo ano, em 3-I-1937. O cardeal Faulhaber manifestou com dureza a rejeição que teria entre a minoria de emigrados: "Não damos a mínima se esta carta pastoral vai ou não agradar aos emigrantes" (v. carta de Faulhaber aos bispos alemães, de 23-XII-1936, Diocesan Archives, Ratisbona, *apud* Lewy, ob. cit., p. 281). Estes últimos, democrata-cristãos, filomarxistas e pró-judeus, levavam a cabo uma campanha de mentiras contra o Terceiro Reich apoiados pelos inimigos deste.

92 Cuno Horkenbach, Das Deutsche Reich von 1918 bis heute, p. 418, Berlim, 1935, apud Lewy, ob. cit., p. 238. O documento traz a assinatura do vigário capitular Steinmann e do Dr. Klausener.

93 Müller, ob. cit., doc. 109. p. 220, apud Lewy, ib.

✠ *O SARRE.* 72% dos habitantes eram católicos[94] e pertenciam às dioceses de Tréveris e Espira, isto é, à jurisdição da Igreja alemã. Na reunificação com o território pátrio, esta teve um papel de enorme destaque, de comum acordo com o regime nacional-socialista, o que se refletiu no resultado esmagador do plebiscito de 13-I-1935.

✠ *A OCUPAÇÃO DA ZONA DESMILITARIZADA DO RENO.* Em 7-III-1936, a Alemanha recuperou ali sua soberania, violada pelo *Diktat* de Versalhes. A Igreja se uniu em peso ao júbilo geral. E nada menos que o bispo von Galen agradeceu ao Führer "todo o quanto havia feito pela honra do povo alemão, e pedia as bênçãos do Todo-Poderoso para as futuras tarefas de Hitler'[95]. No plebiscito de 29 desse mês, 98,8%[96] deu sua entusiástica aprovação à medida, ao Führer e ao Estado Nacional-Socialista

✠ *O ANSCHLUSS.* Em 15-III-1938, três dias depois da entrada das tropas alemãs na Áustria, o cardeal Innitzer, arcebispo local, reuniu-se com Hitler e, no dia 18, o episcopado emitiu um comunicado no qual elogiava a obra do nacional-socialismo, tanto na política interna quanto na externa, e solicitava aos fiéis o voto favorável à união com a Alemanha no plebiscito do dia 10 do mês seguinte[97]. Os votos afirmativos alcançaram 99,8% do eleitorado.

✠ *OS SUDETOS.* Esta zona da pseudonação tchecoslovaca pertencia à Alemanha, e sua população, composta de 90% de católicos, era submetida a permanentes vexames. Em 1-X-1938, foi ocupada e reintegrada ao Reich. Não obstante as mentiras da história dos vencedores, Hitler conseguiu o retorno à Pátria dos compatriotas, salvaguardando a paz mundial. Por isso, e a pedido do cardeal Faulhaber, naquele mesmo dia o episcopado lhe enviou um telegrama que dizia:

---

94 De acordo com o censo de 1927 (v. Lewy, ob. cit., p. 245).

95 Sermão em Gelsenkirchen-Buer, 22-III-1936, Diocesan Archives, Limburgo, 561/3 B, apud Lewy, ob. cit., p. 274. No dia seguinte ao da ocupação, von Galen enviava um telegrama ao barão von Fritsch, comandante supremo do exército alemão, que dizia: "Em nome dos fiéis alemães que são os católicos da diocese de Münster, e especialmente do Baixo Reno, dou as boas-vindas às forças armadas alemãs, que a partir de hoje e doravante voltarão novamente a constituir um escudo do Reno germânico, como proteção e símbolo da honra e da justiça da Alemanha" (v. Kirchliches Amtsblatt für die Diözese Münster, nº 7, 12-III-1936, p. 44, apud Lewy, ob. cit., p. 271).

96 O comparecimento às urnas foi de 99%, ou seja, 45.453.691 alemães.

97 Schulthess, Europäischer Geschichtskalender, LXXIX, pp. 80-81, 1938, apud Lewy, ob. cit., p.

"A grande façanha de salvaguardar a paz internacional move o episcopado alemão, atuando em nome dos católicos de todas as dioceses alemãs, a oferecer respeitosas felicitações e agradecimentos, e a ordenar um repicar de sinos, como sinal de alegria, no domingo. Em nome dos cardeais da Alemanha, Bertram, cardeal arcebispo"[98]. No dia seguinte, domingo, os sinos de toda a Alemanha ressoaram ao mesmo tempo que se celebravam missas de ação de graças. O órgão da diocese de Passau, PASSAUER BISTUMSBLATT, ao se cumprir o sexto aniversário da ascensão ao poder do nacional-socialismo, manifestava que, graças a ele, a Alemanha havia se libertado da desonrosa servidão dos tratados que lhe haviam sido impostos pelos vencedores e, no ano de 1938, teve a capacidade de "devolver ao lar dez milhões de irmãos e irmãs alemães"[99]. A política exterior do Terceiro Reich foi aprovada com entusiasmo e sem reservas pela Igreja alemã, rejeitando assim as infâmias do belicismo do Führer[100].

E. A Nação em Guerra

✠ "Nesta hora tão séria, quando nosso povo alemão deve sofrer a prova de fogo na luta por seu direito natural à vida [...] Volto-me para vós, os soldados que estais preparados no front, que assumis a grande e honrosa responsabilidade de guardar e defender com a espada a existência da Nação alemã [...] Cada um de vós sabe o que está em jogo para nosso povo nestes dias tormentosos, e seja o que for que vos seja pedido, todos vedes

98 Diocesan Archives, Aquisgrão, 30076, apud Lewy, ob. cit., p. 293. O semanário da diocese de Munique, cuja máxima autoridade era o cardeal Faulhaber, manifestava que, além do agradecimento a Deus, "não esquecemos o homem que preservou a paz para nós e, ao mesmo tempo, conseguiu a liberdade de nossos irmãos alemães na Boêmia. Unida aos cardeais alemães, toda a comunidade católica do Grande Reich alemão agradece ao Führer seu triunfo pacífico" (v. Münchener Katholische Kirchenzeitung, nº 42, p. 669, 16-X-1938, apud Lewy, ob. cit., p. 294).

99 Dr. Emil Janik, Zum 30. Januar: Der Christliche kennt die Treue, Passauer Bistumsblatt, Mitteilungsblatt des bischöflichen Stuhles, nº 5, p. 3, 29-I-1939, apud Lewy, ob. cit., p. 295. O autor era o diretor eclesiástico da referida folha e foi designado pelo bispo diocesano.

100 A Reichsverband für die Katholischen Auslandsdeutschen (Associação Nacional de Alemães Católicos residentes no exterior), cujo chefe era o bispo Berning, desenvolvia intensa atividade nas coletividades germânicas da Polônia, Iugoslávia e Romênia em favor do regime nacional-socialista e da Grande Alemanha. No congresso nacional reunido no ano de 1936 em Frankfurt, o Dr. Emil Clemens Schrer, secretário-geral da mesma, declarou que a organização "havia prometido ao Führer atuar em favor do despertar nacional mediante a utilização dos recursos da atividade missionária católica" (v. Amtsblatt für die Erzdiözese München und Freising, nº 1, p. 2, 4-I-1935, apud Lewy, ob. cit., p. 223).

diante de vós o brilhante exemplo de um autêntico guerreiro, nosso Führer e comandante supremo, o primeiro e mais valente soldado do Grande Reich alemão, que neste momento se encontra entre vós no front de batalha." (Carta pastoral do bispo castrense Franz Josef Rarkowski, 1-IX-1939)[101].

✠ "O povo alemão, que já há um ano luta contra seus inimigos, tem a consciência tranquila e sabe que nações que, diante de Deus e da história, carregam a responsabilidade pela gigantesca contenda que se trava agora. Sabe também *quem provocou malignamente esta guerra*. Sabe que está, por sua parte, combatendo por uma causa justa, nascida da necessidade de defender o território nacional, da impossibilidade de resolver pacificamente uma questão de justiça incômoda e penosa, que englobava a própria existência do Estado, e corrigindo por outros meios a escandalosa injustiça cometida contra nós. Regatearam-nos nosso lugar ao sol e quiseram nos destruir para sempre. Procuraram nos transformar em hilotas e, em consequência, não temos de nos perguntar de quem está a razão e por isso encontramos a ajuda de Deus [...] Outros povos se coligaram contra nós e também rogam a Deus pedindo-lhe a vitória. Deus é, da mesma maneira, pai de todos os povos, *mas não é, ao mesmo tempo e do mesmo modo, advogado da justiça e da injustiça, da honestidade e da falsidade*." (*Id*., Carta pastoral, setembro de 1940)[102].

✠ "A Igreja dá seu assentimento a uma guerra justa, especialmente a uma que se trava para proteger o Estado e o povo, e roga pela conclusão vitoriosa do presente conflito, com uma paz benéfica para a Alemanha e a Europa, conclamando os fiéis a cumprir seus deveres cívicos e militares." (Declaração de Adolf Bertram, cardeal-arcebispo de Breslau, 10-X-1940)[103].

---

101 *Verordnungsblatt des Katholischen Feldbischofs der Wehrmacht*, vol. III, p. 5, n. 2, 1939, apud Lewy, ob. cit., p. 319. Monsenhor Rarkowski havia sido nomeado prelado castrense em exercício em agosto de 1936, e foi consagrado como bispo castrense em uma brilhante cerimônia encabeçada pelo núncio papal Orsenigo em 20-II-1938. Bem observa Lewy que "visto que Rarkowski estava em contato muito mais estreito com os milhões de católicos servindo nos exércitos de Hitler do que qualquer um de seus colegas no episcopado, sua importância quanto ao esforço militar germânico foi considerável" (ob. cit., p. 318). Ao iniciar-se a guerra, existiam cerca de 560 sacerdotes na capelania militar católica (ib., p. 316).

102 *Klerusblatt*, nros. 4-5, pp. 25 e 34, 23 e 30-X-1940, apud Lewy, ob. cit., p. 319.

103 Diocesan Archives, Mainz K/3, apud Lewy, ob. cit., p. 306. Anteriormente, o porta-voz da diocese do cardeal declarou que a guerra empreendida era uma luta do povo alemão "por sua sobrevivência" e "uma justa distribuição do necessário espaço vital". Tratava-se de "uma guerra santa, não pela mera reconquista ou recuperação de territórios roubados, mas pelo mais alto que há neste mundo: a vida de acordo com os mandamentos divinos" (v. W.

✠ “Com alegria manifestamos nossa lealdade à Comunidade do Povo alemão (*Volksgemeinschaft*) e nos sentimos ligados a ela tanto no bem como no mal [...] Neste espírito de inquebrantável cristianismo, participamos igualmente de todo o coração da grande luta empreendida por nosso povo para a proteção de sua vida e importância no concerto mundial. Olhamos para nosso exército com admiração; um exército que, em valoroso combate, sob uma direção extraordinária, conquistou e continua conquistando êxitos sem paralelo. Damos graças a Deus, com toda fé e confiança, por seu apoio. Como cristãos em particular, estamos determinados a reunir toda a nossa força a fim de assegurar a vitória final para nossa pátria. Como fiéis e cristãos, muito especialmente, inspirados pelo amor a Deus, com toda fé e confiança, seguimos nosso Führer, que com mão firme guia os destinos de nosso povo.” (Carta pastoral de Maximilian Kaller, bispo de Ermland, 25-I-1941)[104].

✠ Na esteira da campanha militar contra a URSS, iniciada em junho de 1941 para se antecipar ao ataque desta, os pronunciamentos da hierarquia foram unânimes; p. ex., o vigário castrense Rarkowski chamou a Alemanha de “salvadora e campeã da Europa” e definiu a luta contra a Rússia soviética como “uma cruzada europeia”, tarefa semelhante à que, em outros tempos, coube cumprir à Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. Os católicos tinham o dever de combater pela vitória da Alemanha, “uma vitória que permitiria à Europa voltar a respirar livremente e prometia a todas as nações um novo futuro”[105]. Joseph Kumpfmüller, bispo de Augsburgo, comparou o perigo vermelho ao turco de outrora e pediu uma “pronta vitória, uma vitória final sobre os inimigos de nossa fé”[106]. O bispo de Eichstätt, Rackl, em 24-IX-1941, expressou em uma carta pastoral que se tratava de “uma cruzada, uma guerra santa pela Pátria e pelo povo, pela fé e pela Igreja, por Cristo e por sua mais sagrada cruz”[107]. Diante da

K., *Das Recht des deutschen Volkes auf Lebensraum*, *Bistumsblatt Erzdiözese Breslau*, nº 7, p. 44, 18-II-1940, apud Lewy, ob. cit., p. 305)

104 Kirliches Amtsblatt für das Bistum Ermland (Gazeta eclesiástica para o bispado de Ermland), nº 2, pp. 13-14, 1-II-1941, apud Lewy, ob. cit., p. 308.

105 Carta pastoral de 29-VI-1941 intitulada Zum dem grossen Entscheidungskampf im Osten, em Verordnungsblatt des Katholischen Feldbischofs der Wehrmacht, vol. V, nº 6, pp. 2-4, 1941, apud Lewy, ob. cit., p. 320).

106 Carta pastoral de 21-IX-1941, Amtsblatt für die Diözese Augsburg, nº 22, p. 256, 22-IX-1941, apud Lewy, ob. cit., p. 309.

107 Pastoralblatt des Bistums Eichstätt, 25-IX-1941, p. 71, apud Lewy, ob. cit., p. 309. Em termos similares mostrou seu apoio em um sermão de 19-X-1941, o novo arcebispo de Paderborn, Lorenz Jäger (cf. Klerusblatt.)

necessidade de confiscar os sinos dos templos para o esforço bélico, o cardeal Faulhaber declarou em dezembro de 1941 que “pela querida Pátria também faremos este sacrifício, se ele se tornou necessário para o feliz desfecho da guerra e para a derrota do bolchevismo”[108]. Mesmo o bispo de Münster, Clemens August von Galen, o único verdadeiro patriota entre os antinacional-socialistas, manifestou repetidamente sua esperança no triunfo da Alemanha[109]. Em 15-III-1942, Dia dos Caídos, o arcebispo de Friburgo de Brisgóvia, Konrad Gröber, “louvava os vitoriosos soldados alemães que travavam uma cruzada contra o bolchevismo e protegiam a Europa da maré vermelha”[110]. Em agosto desse ano, o bispo castrense dizia em uma carta pastoral: “Seja o que for pedido pelas circunstâncias em esforços, sangue e lágrimas, seja o que for exigido pelo Führer e pelo comando supremo a vós, soldados, e seja o que for esperado de vós pelo país, por trás de tudo isso está Deus mesmo, com seu mandato e desejo.” O soldado cristão “continua sendo inquebrantavelmente leal a seu juramento militar, a seu país, a seu povo e a seu Führer, não porque espere uma recompensa, nem por temor ao castigo, mas por causa da mais sagrada convicção de sua consciência”. Fazia-se notar, igualmente, que o combate contra a *Untermenschentum* [sub-humanidade] bolchevique significava uma dura prova para a alma do soldado, que devia preservar-se de qualquer perversão ou degradação[111].

✠ Quando a guerra já estava perdida, exortou-se os católicos alemães a se empenharem por completo contra os maiores inimigos da Alemanha, “o

---

108 *Kanzelerklärung zur Abnahme der Glocken*, Amtsblatt für die Erzdiözese München und Freising, 23-XII-1941, p. 162, apud Lewy, ib.

109 Por ex., em seu sermão de 20-VII-1941 (v. Lewy, ob. cit., p. 309). “Em abril de 1945, quando as tropas dos aliados haviam ocupado a cidade de Sendenhorst, próxima a Münster, na qual o bispo Galen havia se refugiado fugindo dos ataques aéreos, jornalistas britânicos e norte-americanos tentaram obter uma entrevista com o referido prelado. Galen recusou concedê-la alegando que, na qualidade de bispo germânico, queria sentir e sofrer como seu povo. Em uma declaração publicada por volta da Páscoa da Ressurreição, depois que a ocupação aliada da região já havia começado, manifestava que seu coração sangrou “ao ver as tropas inimigas que passavam”” (ib., pp. 310-311).

110 Carta pastoral de 15-III-1942, Kirchliches Amtsblatt für die Diözese Münster, nº 6, p. 49, 12-III-1942, apud Lewy, ib. O documento foi assumido pelo bispo von Galen, que, como se vê, o publicou na gazeta de sua diocese.

111 Diocesan Archives, Magúncia K/3, apud Lewy, ob. cit., pp. 32-322. O prelado recordava sempre aos soldados o dever da obediência absoluta. O juramento de lealdade ao Führer era o seguinte: “Juro solenemente diante de Deus que obedecerei sem condições ao Führer do Reich alemão e de seu povo, Adolf Hitler, comandante supremo das forças armadas, e que, como bravo soldado, estarei preparado a todo instante para arriscar minha vida por este juramento.” No *Katholisches Feldgesangbuch* que cada soldado levava, lia-se (p. 20): “As forças armadas são os escudeiros do povo alemão. Defendem a Pátria e o povo alemão unido no nacional-socialismo, e seu espaço vital [...] A honra dos soldados repousa em uma entrega incondicional de sua pessoa pelo povo e pela pátria, incluído o sacrifício de sua vida” (cf. Lewy, ib., p. 321).

liberalismo e o individualismo, por um lado, o coletivismo, por outro." (Carta pastoral de Loren Jäger, arcebispo de Paderborn, 1-I-1945)[112].

✠ "Ninguém, no fundo de seu coração, pode normalmente desejar um fim desgraçado para a guerra. Toda pessoa razoável sabe que, nesse caso, o Estado e a Igreja, a sociedade organizada em seu conjunto, *seriam derrubados pelo caos russo*." (Missiva do cardeal Faulhaber ao ministro dos Assuntos Eclesiásticos do Reich, 23-X-1943)[113].

Os soldados católicos lutaram fervorosamente pela Alemanha Nacional-Socialista e pelo Führer, destacando-se por seu valor e heroísmo, tanto nas forças armadas[114] como nas Waffen SS, que, depois do ataque à URSS, recebeu o aporte de inúmeros católicos da Europa e até do Novo Mundo[115]. Foram numerosos os sacerdotes condecorados por sua atuação no front, e não foram poucos os que caíram[116].

F. Adolf Hitler

✠ Monsenhor Franz Hartz, prelado *nullius* de Schneidemühl, declarou que Hitler era o salvador da Alemanha "do veneno do liberalismo, da peste do comunismo." (Carta pastoral da Quaresma de 1934)[117].

✠ "Hoje é um fato indiscutível que Adolf Hitler representa um personagem profético para nosso povo e para o mundo inteiro. Nenhum outro homem de Estado alemão, de quantos o precederam, originou mudanças tão decisivas nos mais amplos âmbitos da existência de nosso povo como ele produziu [...] Ele foi a origem da mudança máxima; graças a suas atividades, aprendemos a ver nossos valores em palavras como

112 Kirchliches Amtsblatt für die Erzdiözese Paderborn, nº 1, p. 2, 16-I-1945, apud Lewy, ob. cit., p. 310.
113 Bundesarchiv, Coblença, R 43 II/178 a (cópia), apud Lewy, ob. cit., p. 310.
114 O maior ás da Luftwaffe, morto em 1942, foi o católico Werner Mölders.
115 Só 7 católicos se negaram a alistar-se nas forças armadas durante a guerra. 6 foram passados pelas armas e o restante declarado louco (v. Lewy, ob. cit., p. 313). Esses indivíduos, seguramente pacifistas ou social-democratas, não eram autênticos católicos. Como bem dizia o arcebispo Gröber, "somos patriotas por sermos alemães e católicos" (v. mons. Gröber, Kirche, Vaterland und Vaterlandsliebe: Zeitgemässe Erwägungen und Erwiderungen, p. 120, Friburgo de Brisgóvia, 1935).
116 Lewy, ob. cit., p. 340.
117 Hirtenbriefe der deutschen, österreichischen und deutsch-schweizerischen Bischöfe, p. 162, Paderborn, 1934, apud Lewy, ob. cit., p. 217.

Pátria e Povo [*Volk*], honra nacional ou história. Despertou em nós a consciência de nossa tarefa como alemães. À luz de nossa herança nacional, descobriu o princípio vital do povo alemão e, por meio de seus atos, o converteu em realidade. Que nossa gratidão e nossa disposição a retribuir lealdade com lealdade encontrem sua expressão na prece que nos comove nestes dias mais do que comovia na tranquila época da paz: "*Abençoa, ó Senhor!, nosso Führer e supremo guia, em todas as tarefas que lhe foram confiadas.*" (Do artigo escrito pelo bispo castrense Rarkowski, 7-IV-1940)[118].

✠ Por ocasião do quinquagésimo aniversário de Hitler, na véspera de 20-IV-1939, os sinos de todas as igrejas repicaram. E, no dia de seu aniversário, o cardeal-arcebispo de Breslau, Adolf Bertram, em representação do episcopado, enviou-lhe um telegrama de felicitação, enquanto em todas as igrejas se celebraram missas votivas especiais em honra do arcanjo São Miguel, Patrono da Alemanha, a fim de implorar a bênção divina sobre o Führer e seu povo[119]. Ludwig Maria Hugo, bispo de Mogúncia, pediu que se rezasse por "o Führer e chanceler, inspirador, engrandecedor e protetor do Reich"[120]. Nesta cidade e nas demais dioceses, os sinos repicaram ao meio-dia durante meia hora, içando-se a bandeira nacional com a suástica[121]. Como se pode imaginar, os semanários e publicações católicos também celebraram o aniversário com particular entusiasmo[122].

---

118 *Frühling unseres Volkes*, Glaube und Kampf [Fé e luta], 7-IV-1940, pp. 1-2, apud Gordon Zahn, *The German Catholic Press and Hitler's Wars*, Cross Currents, X, p. 344, 1960, em Lewy, ob. cit., p. 323. Após a reunião de três horas que manteve com o Führer em Obersalzberg, em 4-XI-1936, o cardeal Faulhaber ficou impressionado por suas grandes qualidades de estadista, assinalando, assim também, no relatório ao Episcopado, datado do dia 5, que "tem maior domínio da etiqueta social e diplomática que qualquer soberano coroado" (Diocesan Archives, Limburgo, 561/2 C, apud Lewy, ob. cit., pp. 279-280). O prelado destacou em outras oportunidades a simplicidade de maneiras de Hitler (cf. Lewy, ob. cit., p. 280; entrevista de 3-VI-1962 com o doutor Michael Höck, antigo editor do Münchener Katholische Kirchenzeitung).

119 Lewy, ob. cit., p. 297. "Ordens a esse respeito, com idêntica linguagem, podem ser encontradas nas gazetas diocesanas das seguintes cidades: Breslau, Münster, Colônia, Hildesheim, Magúncia, Munique, Bamberg, Passau, Würzburg, Friburgo, Tréveris, Rottenburgo. Parece basear-se todas em um rascunho talvez sugerido pelo próprio Bertram" (ib., p. 489, n. 169).

120 Amtsblatt de Magúncia, nº 7, 17-IV-1939.

121 Lewy, ob. cit., p. 297. Em 15-IX-1935 a bandeira nacional-socialista foi declarada bandeira nacional, mas, anteriormente, em 8-II-1934, o arcebispo de Friburgo, Gröber, ordenou que fosse exibida junto às bandeiras eclesiásticas em datas patrióticas (*Mitteilungsblatt* da AKD, nº 5, 15-III-1934, apud Lewy, ob. cit., p. 297; a Arbeitsgemeinschaft Katholischer Deutscher [AKD] foi fundada por Papen e outros, em outubro de 1933, para impulsionar a mobilização dos católicos em favor do Estado Nacional-Socialista). Outro tanto havia feito o bispo de Osnabrück, Wilhelm Berning (cf. *Beflaggung der Kirchen und kirchlichen Gebäude*, 22-II-1934, *Amtsblatt für die Diözese Osnabrück*, nº 5, p. 31, 23-II-1934, em Müller, ob. cit..., doc. 119, p. 245, apud Lewy, p. 297).

Conclusão

Para avaliar o catolicismo de um governante, o decisivo não é a observância dos preceitos, apesar de sua importância, mas a natureza de sua política[123]. A de Hitler, à margem dos fatores que estudamos, pode ser qualificada de substancialmente cristã. Mesmo quando investigamos os planos de Hitler para uma restauração da unidade católica da Alemanha, já que, segundo comunicou von Papen ao futuro João XXIII, depois de se entrevistar com o Führer em 12-VIII-1940, "*não se pode excluir para o futuro, uma vez terminada a guerra,* ***um amplo retorno ao catolicismo, como princípio informador da nova organização estatal e social alemã"***[124].

Do mesmo modo, se não fosse pela Alemanha Nacional-Socialista, a Igreja Católica teria sido destruída pelo bolchevismo. Hoje se percebe com clareza que foi a derrota mundial de 1945 que possibilitou aos inimigos interiores judaizantes daquela tomá-la de assalto no oprobioso Vaticano II.

---

122 Por ex., o órgão da Associação Bávara de Sacerdotes Diocesanos afirmou que "as fronteiras que nos foram impostas na "Paz do Ódio" de Versalhes foram rompidas, e o *Lebensraum* [espaço vital] do povo alemão foi ampliado", assim como as massas de desempregados voltaram ao trabalho. "A Divina Providência decidiu que em uma hora vital ele [Hitler] se encarregaria da liderança do povo alemão" (v. J. S., *Zum 20. April*, *Klerusblatt*, nº 15, 12-IV-1939, pp. 221-222, apud Lewy, ob. cit., p. 298). Como não vi o texto original, utilizo a versão de Lewy, mas voltará a liderança em um anglicismo, já que em bom alemão se diz condução. Outro tanto cabe dizer das passagens já transcritas onde aparece várias vezes a palavra líder.

123 O Führer não era um crente praticante, mas seus sentimentos católicos se refletem de forma indubitável em suas pinturas (v. *Adolf Hitler als Maler und Zeichner*). O motivo que mais reitera é o das igrejas, segundo se aprecia no catálogo geral de suas obras (*ib*., pp. 93-251). Seus trabalhos mais importantes reproduzidos em cores somam 84, dos quais 37, quase 45%, estão dedicados a temas cristãos, especialmente igrejas (19). Destaca-se sua notável tela de Nossa Senhora e o Menino, *Mutter Maria*, que realizou em 1913 (*ib*., p. 65), sendo recuperada do mercado por von Papen, que a ofereceu a Hitler em 20-IV-1939 ao completar este 50 anos (*ib*., p. 160). Também são dignos de menção o citado óleo sobre chapa do soldado ferido de morte a quem aparece Cristo Deus coroado de espinhos, assim como a aquarela de Roma. *S. Giovanni in Laterano*, de 1910-1912 (*ib*., p. 63); S. João de Latrão é uma das mais augustas igrejas da Cristandade, erigida por Constantino em 324). Não posso esquecer, além disso, a aquarela do interior da igreja franciscana de Viena (1912), que reproduz quase todo o belo altar e o púlpito, onde se observam diversas imagens e esculturas, entre elas a da Santíssima Virgem (*ib*., nº 268, p. 150). Chama a atenção a aquarela de 1914 da igreja dos teatinos em Munique, vista a partir da Feldherrnhalle, que voltou a realizar em 1919 a partir de outro ângulo (*ib*., nros. 377 e 378, p. 176).

124 Memorando, datado de 13-VIII-1940, de Giuseppe Roncalli -núncio em Ancara- ao cardeal Maglione, Secretário de Estado do Vaticano (cf. Giancarlo Zizola, *La utopía del Papa Juan*, pp. 85-86, ed. Sígueme, Salamanca, 1975).

A atitude do Vaticano

PIO XI

Em 14-III-1937, Pio XI publicou a encíclica *Mit brennender Sorge*, ***na qual não condena o nacional-socialismo nem o racismo, mas sim o hiperracismo religioso.*** No entanto, a forma em que foi redigida, cheia de generalizações e inexatidões, como a afirmação de que na Alemanha existia "uma opressão espiritual dos fiéis jamais vista"[125], foi aproveitada pelos inimigos do nacional-socialismo — que eram também os inimigos do catolicismo — como uma condenação do Terceiro Reich. Pouco importava que Hitler e os outros dirigentes católicos não fossem condenados nem que *Mi Lucha* fosse incluído no Índice. Não deixa de chamar a atenção a inoportunidade do documento, que apareceu cinco dias antes da *Divini Redemptoris*, promulgada contra o comunismo ateu, e quando a Alemanha havia dado seu respaldo político e militar à Cruzada nacionalista e católica da Espanha, onde a Legião Condor combateu heroicamente, oferecendo seu sangue por suas melhores, contra o bolchevismo e o anarquismo ateus e judaicos. Por outro lado, causa assombro que Pio XI termine sua encíclica confundindo a identidade dos defensores do cristianismo e facilite assim, estranhamente, os argumentos falaciosos dos futuros aliados demoliberais: "Virá o dia em que, em vez dos prematuros hinos de triunfo dos inimigos de Cristo, se elevará ao céu, dos corações e lábios dos fiéis, o *Te Deum* da liberdade, um *Te Deum* de ação de graças ao Altíssimo, um *Te Deum* de júbilo, porque o povo alemão, mesmo em seus membros extraviados, terá reencontrado o caminho de retorno à religião, com uma fé purificada pela dor, dobrará o joelho diante de Jesus Cristo, o Rei do tempo e da eternidade, e ***se cingirá para a luta contra os renegados e os destruidores do Ocidente cristão, em união com todos os homens honestos das demais nações***, cumprindo assim a missão que lhe foi assinalada nos planos do Eterno"[126]. É o nacional-socialismo quem travou essa luta junto com a Itália Fascista e com o concurso entusiástico dos voluntários europeus e de outros países e,

125 Pio XI, *Mit brennender sorge*, 7, em *Colección, etc.*, vol. I, p. 1468.
126 *Ib*., p. 1481.

apesar da derrota militar, salvou o Ocidente cristão do bolchevismo ateu[127]. Que Pio XI havia se extraviado do bom caminho demonstra-o o insólito argumento exposto para tentar justificar a impossibilidade de os cristãos serem antijudeus, isto é, defenderem-se do inimigo mortal do cristianismo como a Igreja fez desde seus primórdios (v. cap. 33). Foi este Papa democrata-cristão quem, igualmente, condenou a Ação Francesa.

PIO XII

Houve uma mudança na situação quando, em 3-III-1939, Pio XII ocupou a Sé Apostólica. Chamou a atenção que este tenha enviado ao Führer, três dias depois, a primeira das notificações de sua eleição e, contra o costume, assinado a tradução alemã dela, manifestando "sua ardente esperança pela manutenção de relações amistosas com o Reich"[128]. O Papa Pacelli conhecia perfeitamente qual era a política de Adolf Hitler, a qual de modo algum era anticatólica e tinha por objetivo o aniquilamento do bolchevismo e da plutocracia, bem como eliminar a dominação do judaísmo internacional e frustrar seus objetivos ancestrais contra Cristo e a civilização. Daí que, embora tenha objetado a esterilização e a eutanásia e se oposto, naturalmente, ao setor representado por Rosenberg — que sabia não representar o pensamento do Führer —, o fez de forma reservada e com extremo tato, a fim de não prejudicar o Terceiro Reich em proveito de seus inimigos, que eram os da Igreja.

Entretanto, quando a sorte da guerra começou a inclinar-se para a aliança plutocrático-bolchevique, Pio XII entrou em contato com ela. No início de julho de 1943, pouco antes do golpe contra o Duce, seu genro, o traidor Galeazzo Ciano, embaixador junto à Santa Sé, recebeu uma mensagem dos aliados para o rei Vítor Manuel, nada menos que dos lábios do Secretário de Estado Luigi Maglione. "O cardeal, para quem não deviam ser desconhecidas as manobras clandestinas de Ciano, pediu-lhe

127 O quadro que pintava a encíclica não refletia, certamente, o que acontecia na Alemanha nem o pensamento da hierarquia eclesiástica local; ao contrário, era semelhante à lenda impulsionada pelos pouquíssimos religiosos alemães exilados, democrata-cristãos, filomarxistas e projudeus.

128 Alberto Giovannetti, *Der Vatikan und der Krieg*, pp. 36-37k, Colônia, 1961, apud Lewy, p. 296.

que informasse secretamente Sua Majestade de que, até o momento, os anglo-americanos não haviam apoiado a formação de um "Governo no exílio", projetado pelos exilados italianos. Mas a má situação militar, continuou Maglione dizendo a Ciano, talvez os levasse a dar o passo gravíssimo que poderia decidir a sorte da monarquia. Com efeito, um Governo no exílio, se o Rei mantivesse seu apoio a Mussolini e ao fascismo, teria de ser republicano. Isto é o que o conde Ciano devia referir a Vítor Manuel, com o maior segredo. A advertência anglo-americana ao Soberano valia por uma intimação; e, formulada por meio do altíssimo intermediário, *convertia-se também em um conselho do Vaticano*"[129]. E, quando ocorreu a traição de 25 de julho de 1943 e a queda de Mussolini, o Vaticano reconheceu o novo governo do maçom Badoglio e de seus sócios democrata-cristãos, comunistas, socialistas e liberais. E não reconheceu a República Social Italiana, à qual, apesar disso e de outras graves ações de deslealdade, o catolicismo oficial prestou a religião[130]. A admirável fidelidade do Duce contrasta com a indesculpável conduta do Papado para com seu libertador.

Apesar do exposto, Maglione expressava ao representante alemão sua esperança no triunfo da Alemanha, pois, caso contrário, a civilização cristã desapareceria. Em 29-IX-1943, o novo embaixador do Reich junto à Santa Sé, Ernst von Weizsäcker, informava a seus superiores que o secretário de Estado "*considerava o destino da Europa como algo baseado na vitoriosa resistência da Alemanha na frente oriental. Caso os exércitos alemães desmoronassem ali, cairia o único reduto possível para a defesa da*

129 Bruno Spampanato, *O último Mussolini*, p. 188, ed. Destino, Barcelona, 1957. Outra circunstância que chama poderosamente a atenção é a cordial relação do Papa com o sinistro franco-maçom Franklin Delano Roosevelt, a qual se reflete em sua correspondência nos anos cruciais da guerra, de 23-XII-1939 até 17-XI-1944 (v. *La corrispondenza fra il Presidente Roosevelt e Papa Pio XII durante la guerra*, ed. Garzanti, 1948; apareceu nos EUA no ano de 1947 sob o título de *Wartime correspondence between President Roosevelt and Pope Pius XII*, com prólogos do presidente Truman e de Pio XII, enquanto a introdução e as notas são de Myron C. Taylor, representante pessoal de Roosevelt junto àquele). Roosevelt, junto com Churchill, é responsável pela destruição da Europa e pela entrega de boa parte desta e de outras nações ao comunismo soviético, ao qual, igualmente, possibilitou o avanço sobre o resto do mundo. É um dos maiores criminosos de guerra da história. O mencionado ingressou na Ordem em 28-XI-1911, na *Holland Lodge* nº 8 da cidade de Nova York. Em novembro de 1919 foi designado membro honorário da *Stanburg Lodge* de Washington DC. Chegou ao grau 32 do Rito Escocês Antigo e Aceito. É um dos grandes maçons contemporâneos (DF, p. 1038, e DEM, vol. III, pp. 1606-1610). Como governante, atuou em função das metas da Franco-Maçonaria internacional, como se depreende do longo panegírico que o DEM lhe dedica (pp. 1609-1610), o qual reproduzo em *Maçonaria e democracia*, pp. 50-51 e 61. Acerca de sua condição judaica, da qual muito se falou, não vi provas conclusivas.

130 Isso já constou nos 18 Pontos do Manifesto de Verona, aprovado pelo Partido Fascista Republicano em 14-XI-1943: "6. A Religião da República é a Católica, Apostólica e Romana" (*ib*., p. 481).

civilização cristã diante do bolchevismo, e esta se perderia”131. O Vaticano sabia bem de que lado estava seu dever, mas, por considerações que não eram as da Fé, pactuou com os inimigos de Cristo, com a aliança democrata-bolchevique.

Apesar do exposto, Maglione expressava ao representante alemão sua esperança no triunfo da Alemanha, pois, caso contrário, a civilização cristã desapareceria. Em 29-IX-1943, o novo embaixador do Reich junto à Santa Sé, Ernst von Weizsäcker, informava a seus superiores que o secretário de Estado “*considerava o destino da Europa como algo baseado na vitoriosa resistência da Alemanha na frente oriental. Caso os exércitos alemães desmoronassem ali,* ***cairia o único reduto possível para a defesa da civilização cristã diante do bolchevismo, e esta se perderia***”[131]. O Vaticano sabia bem de que lado estava seu dever, mas, por considerações que não eram as da Fé, pactuou com os inimigos de Cristo, com a aliança democrata-bolchevique.

As censuras públicas e *inexatas* do Papa *só começaram depois que Alemanha e Itália perderam a guerra*. Em suas diatribes contra o nacional-socialismo, triste é dizê-lo, Pio XII utilizou as caluniosas patranhas de seus adversários, que eram, é preciso repetir, os adversários de Cristo. Falou do “espectro satânico exibido no nacional-socialismo”, ao qual qualificou de “doutrina não menos deletéria que violenta”[132]. Também acusou o regime de Hitler de utilizar os “mais refinados métodos científicos para torturar ou suprimir frequentemente inocentes”[133], o que, apesar de tudo quanto se diga, é uma colossal patranha. Depois de se referir à “dolorosa paixão da Igreja sob o regime nacional-socialista”[134], disse o Papa que, embora então ainda se carecesse de estatísticas, eram numerosos os religiosos e leigos levados aos campos de concentração, os quais “foram julgados dignos de

131 Relatório de Weizsäcker ao Ministério do Exterior do Reich de 23-IX-1943, cuja cópia se encontra em Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes, Bonn, Staatssekretär, Vatikan, Bd. 4, apud Lewy, ob. cit., p. 333. “Pontos de vista semelhantes, diz-se, eram mantidos por outros membros da Cúria” (v. Relatório de um agente secreto alemão durante sua estadia em Roma de 15 a 29-VII-1943, Politisches Archives des Auswärtigen Amtes, Bonn, Inland II g, p. 45, apud Lewy, ib.). De acordo com essa notícia, entre os integrantes da colônia na Cidade Eterna que coincidiam com tal postura destaca-se monsenhor Kaas, o antigo presidente do Partido do Centro (ib.).

132 Pio XII, *Discorsi*, etc., vol. cit., *La vía sicura per eliminare ogni violenza e le note essenziali di una vera pace*, 2 VI-1945, pp. 68-69. A Alemanha havia capitulado em 8 de maio.

133 *Ib*., p. 72.

134 *Ib*., p. 73.

padecer ultrajes pelo nome de Jesus”[135]. Tais prisioneiros eram servidores das forças anticristãs e traidoras de sua Pátria[136]. Sustentou Pacelli, no cúmulo de um inexplicável absurdo, que o ódio anticatólico nacional-socialista chegou a “parodiar em um sacerdote internado, com arames de ferro, a flagelação e a coroação de espinhos do Redentor”[137]! E o Pontífice não hesitou em sustentar que, como o Estado Nacional-Socialista supostamente cometeu muitos delitos contra a humanidade, era necessário um julgamento justo para repará-los[138]. Com relação aos processos de Nuremberg, manifestou, para regozijo dos inimigos de Deus e da humanidade, que eles “entregaram aos vencedores criminosos a sorte que mereciam”[139]. Tais julgamentos foram paródias que violaram todas as normas do direito, aplicando leis retroativas depois de criar figuras inexistentes como a de “crimes contra a humanidade”. Os prisioneiros, submetidos ao mais bárbaro tratamento, careceram de defesa, e até mesmo o método empregado para executá-los transgrediu igualmente as leis, pois, em vez do enforcamento corrente, que produz a morte instantânea por ruptura da cervical, foram selvagemente estrangulados. O elogio desses terríveis crimes pseudolegais por parte de Pio XII causou um dano enorme à Fé Católica que não será fácil reparar. E tudo isso é muito mais grave quando se contrasta com sua atitude diante dos bombardeios aliados contra a Cidade Eterna e as igrejas e mosteiros da Alemanha e de outros Estados Nacionalistas. Sem falar das brutalidades, torturas selvagens e crimes horrorosos e incontáveis cometidos pelas tropas democráticas, incluindo violações de freiras, assassinatos de sacerdotes etc., como os que ocorreram na Itália. Os exemplos são demasiados, sobressaindo o caso de monsenhor Tiso (1887-1947), o heroico governante da Eslováquia (1939-1945), nação católica libertada e protegida por Adolf Hitler.[140]

135 *Ib*.

136 No mês de junho de 1936, o bispo Berning realizou uma visita aos campos de concentração de sua diocese e elogiou suas instalações, segundo informou o Kölnische Volkszeitung (*KZ Papenburg*, 1-VII-1936). Dirigindo-se aos detidos [católicos] no campo de Aschendorfer Moor, Berning recordou-lhes seu dever de fidelidade e obediência ao povo e ao Estado, dever que sua fé religiosa lhes exigia. Em uma conversa com os guardas, o bispo falou em excelentes termos de seu trabalho no campo, e finalizou com três *Sieg Heil* pelo Führer e pela pátria” (v. Lewy, ob. cit., p. 233).

137 *Ib*., p. 74.

138 Ib.

139 *Id*., Ao I Congresso Nacional da União de Juristas Italianos, *A voz do pai comum. 1949. Discursos e mensagens de S. S. Pio XII*, p. 43, ed. Difusión, Buenos Aires, 1950).

140 Famoso por sua austeridade e acendrada Fé Católica, monsenhor Tiso foi executado pelos vermelhos em 18-IV-1947. Na basílica de Nossa Senhora de Pompeia, em Buenos Aires, uma lápide colocada pouco depois de seu

O Pontífice também elogiou os sindicatos democrata-cristãos da República de Weimar: “Na Alemanha anterior a 1933 — isto é, antes do regime nacional-socialista — as organizações sociais católicas, no Ruhr, representavam, no mais potente baluarte da indústria — pensamos sobretudo na Renânia e no Ruhr —, uma força altamente benéfica, não menos para a proteção do operário do que para uma justa e equitativa solução dos conflitos econômicos”[141]. Os sindicatos do *Zentrum* de maneira alguma defenderam os interesses dos trabalhadores e, pelo contrário, contribuíram para sua miséria, já que milhões perderam seu trabalho, assim como não se opuseram à maré vermelha, pior ainda, aliaram-se aos marxistas. Recorde-se que a democracia cristã e os social-democratas constituíram a base sobre a qual se assentou a República de Weimar. Somente o caluniado nacional-socialismo, na Alemanha, na Itália e em outras partes, estabeleceu uma ordem social justa e humana, além do capitalismo individualista demoliberal e do capitalismo tecnoburocrático estatal soviético.

De acordo com sua nova postura, o Pontífice observou um *sugestivo mutismo* em relação à Espanha nacional, que havia elogiado com entusiasmo antes[142], e procedeu da mesma forma com Oliveira Salazar[143]. Paralelamente, omitiu toda referência à URSS — aliada das democracias

---

assassinato recorda o último dos grandes mártires católicos.

141 *Id*., *I particolare doveri e l’importante attività delle lavoratrici cristiani nei tempi presente*, 15-VIII-1945, *ib*., p. 37. O Papa não se esqueceu de elogiar Léon Harmel, o “pai da democracia cristã” (cf. Pio XII, *Nel IX della Chronique Sociale de France. Lettera di felicitazioni e di augurio a Giuseppe Folliet, direttore del periodico*, 14-V-1952, em *Discorsi*, etc., vol. XIV, p. 533).

142 Em 16-IV-1939 Pio XII enviou sua saudação pela vitória da Cruzada liderada por Franco: “Os desígnios da Providência, amadíssimos filhos, voltaram a manifestar-se uma vez mais sobre a heroica Espanha. A Nação escolhida por Deus como principal instrumento de evangelização do Novo Mundo e como baluarte inexpugnável da fé católica acaba de dar aos prosélitos do ateísmo materialista de nosso século a prova mais excelsa de que acima de tudo estão os valores eternos da religião e do espírito [...] Reconhecemos também nosso dever de gratidão para com todos aqueles que souberam sacrificar-se até o heroísmo em defesa dos direitos inalienáveis de Deus e da Religião”. O Papa destacou “os nobilíssimos e cristãos sentimentos de que deram provas inequívocas o Chefe do Estado e tantos cavaleiros, seus fiéis colaboradores” (v. *Radiomensajes a España*, 16-IV-1939, em *Discursos y radiomensajes de su Santidad Pío XII*, vol. I, pp. 55 e 57, Madri, 1946). Recordou aquele que também Pio XI ofereceu seu apoio ao Levante Nacional (*ib*., p. 55). Em termos similares expressou-se em 11-VI-1939 ao receber três mil legionários da Espanha (*ib*., pp. 177-180); em 6-III-1940 diante de uma missão naval da península (*ib*., vol. II, pp. 19-22); em 7-III-1941 perante o embaixador da Espanha e outras personalidades (*ib*., vol. III, t. I, pp. 11-14, Madri, 1947). Somente em 27-X-1956, Pio XII voltou a elogiar os combatentes nacionais ao receber representantes de ex-prisioneiros dos vermelhos (cf. *Discorsi*, etc., vol. XVIII, pp. 613-617, 1957).

143 Em 20-X-1940 o Papa Pacelli havia manifestado ao embaixador português: “O Senhor deu à Nação portuguesa um Chefe de Governo que soube conquistar não somente o amor de seu povo, e especialmente das classes mais pobres, mas também o respeito e a estima de todo o mundo” (v. Pio XII, *Ao novo embaixador da República de Portugal*, em *Discursos*, etc., vol. II, p. 290).

— até o início da pseudoguerra fria[144]. A esse respeito, não deixa de causar espanto que recordasse como fato meritório que nada disse diante da guerra da Alemanha contra a União Soviética. "Nós nos abstivemos, apesar de certas pressões tendenciosas, de deixar escapar de nossos lábios ou de nossa pena uma só palavra, um só indício de aprovação ou de estímulo ***a favor da guerra empreendida contra a Rússia em 1941***"[145]. Esqueceu Pio XII que a guerra não foi contra a Rússia, mas contra a URSS que se havia apoderado dessa grande nação cristã e a subjugava cruelmente, e por isso tantos patriotas russos se uniram aos exércitos do Reich. Do mesmo modo, guarda vergonhoso silêncio sobre o fato crucial de que a Alemanha se adiantou ao iminente ataque soviético, salvando o Ocidente cristão e a humanidade da espantosa tirania do bolchevismo ateu.

Na radiomensagem de Pio XII ao mundo de 24-XII-1944, por ocasião do Natal, ***pela primeira vez na história um Pontífice se pronunciou a favor da democracia e excluiu de fato os outros sistemas de governo***[146]. Isso é ainda mais grave, pois omitiu assinalar que a sociedade não é fruto de um contrato e que a soberania não reside no povo. Apenas manifestou reiteradamente que a democracia devia basear-se no cristianismo, e fez a estranha afirmação de que "o fundamento último e a norma diretiva de toda democracia" é "realizar a ordem divinamente estabelecida dos seres e dos fins"[147]. O Papa expressou que a tendência rumo à democracia estava se apoderando dos povos e que "para muitos a forma de governo

144 A denominada Guerra Fria foi uma farsa colossal. Os EUA e seus aliados alegavam a impossibilidade de atacar a URSS e seus satélites, devido ao fato de que se desencadearia uma guerra atômica que faria desaparecer a vida no planeta. Excelente justificativa que possibilitou o avanço do comunismo por toda parte e as intervenções militares da URSS -que não mostrou temor algum pelo suposto holocausto nuclear- na Hungria, Checoslováquia, Afeganistão, etc. Um conflito atômico sem dúvida causaria imensos estragos, mas de modo algum a destruição total da humanidade. Afirmar o contrário é negar a história, a qual ensina que o homem sempre cria os meios para defender-se diante de cada nova invenção bélica. E é particularmente ingênuo pensar que os banqueiros que manejam o mundo e seus servidores da partidocracia, assim como os oligarcas do capitalismo estatal soviético, teriam posto em perigo sua hegemonia e objetivos de forma tão absurda. Ainda mais se em ambos os lados o poder é controlado pelos filhos do "povo escolhido".

145 Pio XII, *La attività pontificia di giustizia e di carità durante la guerra prelude a norme salutare per l'avvento do una vera pace*, 25-II-1946, *Discorsi*, etc., vol. VII, p. 404.

146 Pio XII, *La democracia*, ed. Huarpes, Buenos Aires, 1945. Pio XI havia dado um grande passo na mesma direção por meio da encíclica *Dilectissima nobis*, 2, de 3-VI-1933, afirmando que os católicos podem preferir qualquer forma de governo. Já não empregou o eufemismo "república", como Leão XIII, para se referir à democracia (Cf. Rivanera Carlés, *A judaização do cristianismo e a ruína da civilização*, vol. II, cap. 31, A, ed. Instituto de História S. S. Paulo IV, Buenos Aires, 2008). "Todos sabem, com efeito, que a Igreja Católica não está ligada por nenhum vínculo a uma forma de governo mais do que a outra, contanto que fiquem salvos os direitos de Deus e da consciência cristã, não encontrando dificuldade alguma para se pôr de acordo com as diversas instituições civis, sejam monárquicas ou republicanas, aristocráticas ou democráticas" (*Colección*, etc., vol. I, p. 1389).

147 *Ib*., p. 27.

democrática vem a ser seu postulado natural, imposto pela própria razão"[148], conceito este que não lhe mereceu objeção alguma. Pretender uma democracia católica é como propiciar um bolchevismo cristão. De resto, os povos não preferiram a democracia: ***este regime antinatural e tirânico foi estabelecido a sangue e fogo,*** primeiro com a Revolução Inglesa de 1688 — financiada pelos marranos[149] —, e mais tarde com a Revolução Francesa e as campanhas napoleônicas, completando-se a obra depois da Primeira Guerra Mundial. Tal imposição foi reforçada pela educação, pela literatura e pela propaganda incessante da imprensa, unida à perseguição daqueles que não aceitaram submeter-se ao jugo democrático, caracterizados como seres perversos e inimigos do gênero humano. Outra lição que a Igreja ensinou é que foi a Franco-Maçonaria quem organizou tal conjura universal para instaurar a democracia, e não por acaso a chamou de "*Sinagoga de Satanás*", pois, como está documentalmente provado, ela a fundou e dirige o judaísmo internacional[150]. É evidente que Pio XII simplesmente claudicou diante dos vencedores da guerra, as democracias protestantes e maçônicas — aliadas da URSS —, inimigas juradas da Igreja Católica.

Desde então, o Papa Pacelli não cessou de advogar pela democracia, e já não hesitou em afirmar a existência da vontade popular, teoria esta que, reitero, não pode separar-se da soberania do povo. Em janeiro de 1946, sustentou que vivíamos uma "era de democracia" e que o povo "compete *fazer valer sua vontade* com a manifestação de sua opinião e com o direito de voto"[151]. Por meio da vontade popular, o despotismo do número substitui a verdade como categoria racional objetiva, noção absurda que destrói a Fé Católica e, por outro lado, a livre manifestação da opinião do povo contradiz a anatematização da liberdade de opinião que o próprio Pontífice realizou[152].

148 *Ib*., pp. 10 e 12.

149 Rivanera Carlés, ob. cit., vol. I, cap. 14, pp. 264 e 266. Buenos Aires, 2004.

150 *Ib*., vol. IV, anexo (de próxima aparição); id., *Anarquismo, judaísmo e Maçonaria*, pp. 133-130, ed. Instituto de Investigaciones sobre la Cuestión Judía, Buenos Aires, 1986.

151 *Id*., *Responsabilità e doveri per una efficace restaurazioni sociale*, 16-I-1946, em *Discorsi e radiomessaggi di Sua Santità Pio XII*, vol. VII, p. 338 (v. it. p. 339), Tipografia Poliglota Vaticana, 1955.

152 Rivanera Carlés, *A judaização do cristianismo*, vol. II, cap. 29, A.

Este chegou ao extremo de sustentar que “a tese preferida da democracia — tese que insignes pensadores cristãos propugnaram em todos os tempos — [é] que o sujeito originário do poder civil deriva de Deus e do povo”[153]. Estamos diante de dois erros graves, a saber: em primeiro lugar, a democracia de modo algum declara que a soberania provém de Deus e do povo, porque faz deste seu único detentor. E, além disso, a doutrina de que ela reside em Deus e passa ao povo é — como sabe o leitor — a doutrina defendida por Suárez, pelo converso Vitoria, por Soto etc. Falsa ideia que os católicos liberais condenados pela Igreja fizeram sua e que, na prática, é igual à de Rousseau.

Em seu desejo de compatibilizar a democracia com o cristianismo, Pio XII afirmou que “a Idade Média cristã, particularmente informada pelo espírito da Igreja, com a abundância de suas florescentes comunidades democráticas, mostrou como a fé cristã sabia criar uma verdadeira e própria democracia”[154]. Alude, sem nomeá-las, às repúblicas de Veneza e Gênova, as quais, não obstante o nome, eram monarquias designativas, em virtude de que um conselho que possuía poder singular elegia o *dux*. Precisamente esses regimes, caracterizados pelo predomínio dos mercadores, não encarnavam o Estado cristão como era o caso das monarquias dinásticas do Ocidente.

Apesar da propaganda e da ação dos regimes democráticos, judaizados e franco-maçônicos, em tempos do Papa Pacelli e de seus citados predecessores, a Igreja possuía ainda grande prestígio e autoridade no mundo, e se tivesse sustentado firmemente sua postura, denunciando a essência anticristã e opressora do povo da democracia, o destino desta seria muito outro. E também o da Igreja, pois, se assim tivesse ocorrido, não obstante a vitória militar das nações democráticas, protestantes e capitalistas, em aliança com a União Soviética, embora ela tivesse retornado à situação anterior aos Tratados de Latrão, o Vaticano II teria sido impossível, porque os neomodernistas teriam tido uma sorte semelhante à ocorrida durante o pontificado de São Pio X[155].

153 Pio XII, *La differenze essenziali tra l’ordinamento giudiziario ecclesiastico e il civile considerate nella loro origine e nella loro natura*, 2-X-1945, *ib*., p. 206.

154 Ib.

155 É desnecessário assinalar que, se as potências do Eixo tivessem triunfado, o concílio não teria podido realizar-se.

Como demonstração de sua ideologia democrática, o Papa lançou-se de cheio a atacar o nacionalismo. Assinalou que “o totalitarismo do Estado forte é incompatível com uma verdadeira e sã democracia”156. É evidente tal oposição: a democracia, que nunca pode ser sã, é uma verdadeira patologia política que destrói o organismo comunitário, o qual somente no Estado forte nacionalista, fascista, pode alcançar sua saúde e pujança. Ele também atacou reiteradamente o nacionalismo, apresentando-o como o grande inimigo da paz internacional, argumentando que seu erro substancial é “confundir a vida nacional em sentido próprio com a política nacionalista”, a qual, “germe de infinitos males, nunca será suficientemente rechaçada”[156]. Criticou o Estado nacionalista por seu pretenso caráter agressor dos demais povos, isto é, repetiu a calúnia dos aliados demobolcheviques contra o nacionalismo em geral e as nações do Eixo em particular, que serviu de pretexto para provocar a última contenda mundial. A censura reiterada ao nacionalismo favoreceu notavelmente o avanço do catolicismo liberal, que de tal modo se impôs dentro da Igreja, onde até o próprio Pio XII se fez democrata. O fato é ainda mais grave porque o nacionalismo se opõe tanto ao bolchevismo quanto à demoplutocracia anticatólica surgida da Revolução Francesa. Em suas diversas expressões, é, em essência, a volta à ordem política da Cristandade. Ora, se não tivesse sido esmagado pelo fascismo e pelo nacional-socialismo, o comunismo bolchevique teria se apoderado de ambos os países. É por isso que a guinada surpreendente e acomodatícia do Papado causou grande prejuízo à causa nacionalista e católica. Agora a Igreja reivindicava a democracia tantas vezes condenada e, em contrapartida, criticava o nacionalismo que a ela se opunha. Que o chefe da Igreja se somasse à propaganda canalha dos vencedores demobolcheviques é tanto mais indignante porque não disse uma palavra sequer contra as democracias protestantes, anticatólicas e franco-maçônicas que entregaram meio planeta à URSS em Yalta e Potsdam, entre elas antigas nações católicas. A aliança entre as democracias capitalistas protestantes, Inglaterra e Estados Unidos, com a União Soviética — que reeditou o ocorrido durante a guerra civil espanhola —

156 Pio XII, *Il Messagio Natalizio*, 3-I-1955, em *Discorsi*, etc., vol. XVI, p. 339.

não foi uma simples tática. O próprio maçom Winston Churchill[157], em 4-II-1945, expressou em Yalta, diante de Stalin e Roosevelt, que "*as três nações representadas na Conferência* ***se dirigem para a mesma meta por caminhos diferentes***"[158].

É inquestionável que, se não tivesse sido pela Alemanha Nacional-Socialista e seus aliados, reitero, o comunismo internacional teria se apoderado não só da Alemanha, mas do mundo. Também aqueles que, na guerra civil espanhola, apesar do valor das tropas nacionais, sem o fornecimento de material bélico daquela e da Itália, o triunfo não teria sido possível. E Hitler, além disso, em um ato carregado de simbolismo, enviou a Legião Condor para que, em nome da Nova Alemanha, defendesse a Espanha católica e nacionalista, onde também lutaram, com admirável denodo, contingentes fascistas e voluntários de outros movimentos nacionais, p. ex., da Guarda de Ferro romena e do Nacionalismo Argentino representado pela hoje redescoberta Centúria Argentina[159]. O heroísmo desses homens, muitos dos quais caíram ali, não pode ser negado. *Isto contrasta com o apoio dos Estados Unidos, Inglaterra, França e das outras democracias à Espanha vermelha, que martirizou tantos católicos, religiosos e leigos, destruiu igrejas, profanou relíquias e túmulos de religiosos, cometeu todo tipo de sacrilégios e ultrajes, destruiu imagens, quadros, obras e estátuas de grande valor artístico[160], chegando ao paroxismo, pouco depois do Alzamiento Nacional, com o fuzilamento público do Sagrado Coração de Jesus no cume do Cerro de los Ángeles, próximo a Madri, depois do qual os milicianos dinamitaram o*

157 Churchill foi iniciado na loja de Londres *Studholme* nº 1591 e foi ascendido a mestre em 25-III-1902 na loja *Rosemary* nº 2851 da referida cidade (*DF*, pp. 258-259).

158 *Os documentos de Yalta. Selecionados e traduzidos por Gonzalo Aguirre de Carcer*, p. 22, ed. Instituto de Estudios Políticos, Madri, 1956. Os denominados "Documentos secretos de Yalta" foram publicados pelo Departamento de Estado em 17-III-1945 e é importante destacar, como assinala Aguirre de Carcer, que "quanto ao conteúdo dos documentos selecionados, não foi suprimido deles nenhum parágrafo nem palavra alguma que pudesse desvirtuar seu autêntico significado, tendo sido traduzidos estes do original, integralmente, para oferecer ao leitor de língua castelhana uma versão exata e fiel das conversações de Yalta, tal como foram publicadas pelo Departamento de Estado de Washington" (*ib*., p. 9).

159 Sobre a Centúria Argentina ou dos Argentinos, cf. José Luis Jerez Riesco, *Voluntad de Imperio. La Falange en Argentina*, Ediciones Nueva República, Barcelona, 2007.

160 A iconoclastia anarcomarxista, ***cuja origem judaica não se deve esquecer***, despedaçou e infligiu danos a obras extraordinárias, p. ex., os quadros de El Greco, o inigualável Cristo de Pedro de Mena e as joias de seu mestre, o grande Alonso Cano, inimigo acérrimo dos conversos. Na Cidade Condal, v.g., desfizeram a sepultura de Santo Olegário e em Vich foram profanadas as relíquias de seus santos padroeiros Marciano e Luciano. Em Tortosa, queimaram-se os restos de São Pascual Baylón, etc.

monumento[161]*, fato que causou estupor mundial e revela o ódio insondável contra o cristianismo das forças que depois, na Segunda Guerra Mundial, se converteram nas pretensas libertadoras da humanidade com o aplauso do Vaticano.*

Os Estados Nacional-Socialista e Fascista se baseavam em princípios cristãos. Não apenas se ministrava o ensino religioso nos institutos de ensino, mas também se perseguia a imoralidade em todas as suas formas, o divórcio não existia, o adultério era severamente punido pela lei, o aborto castigado como crime terrível, as famílias numerosas protegidas e exaltadas como exemplos[162], o sentido heroico da vida fomentado etc. E a Franco-Maçonaria, tantas vezes condenada pela Igreja, estava proibida. As medidas de proteção contra o judaísmo eram as que antigamente estabelecera a Cristandade. Tais regimes, por outro lado, deram origem aos movimentos nacionalistas em todos os países, os quais se identificavam firmemente com o catolicismo, exceto nos de maioria ortodoxa[163]. É admirável que o nacionalismo tenha tido por epicentro a Itália e a Alemanha, nações que haviam caído sob a férula dos mais acérrimos inimigos do catolicismo. A primeira realizou sua unidade nacional contra a Igreja e o Papado, e seus pró-homens eram franco-maçons segundo vimos. Da Alemanha, berço do protestantismo, nasceram as diferentes tendências filosóficas caracterizadas por seu anticatolicismo militante, e foi ali que o marxismo teve maior desenvolvimento. Tal circunstância deve ser levada em particular consideração para compreender realmente ambos os sistemas.

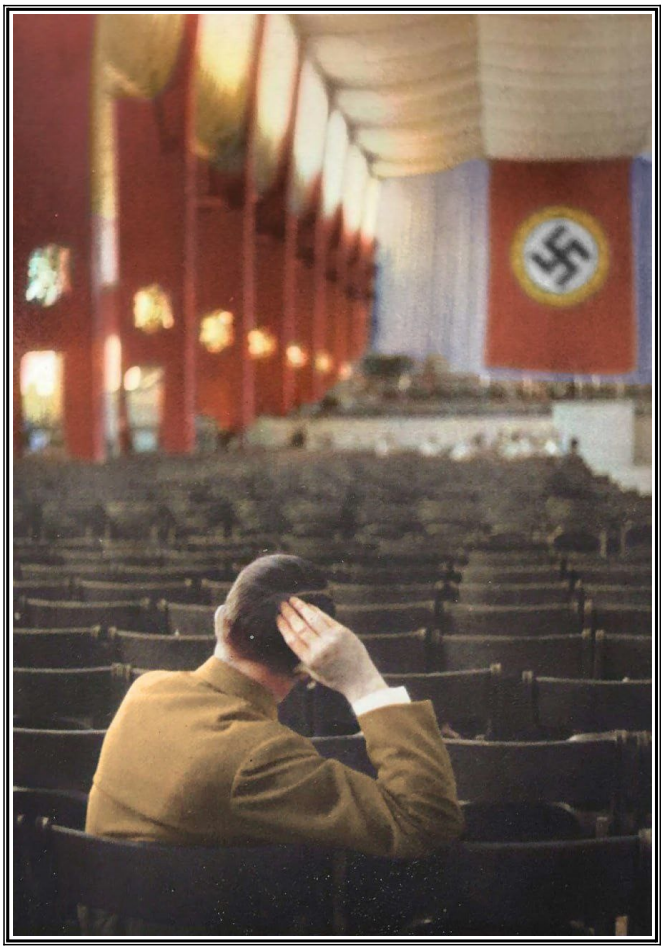
O fascismo ou nacionalismo *é a expressão política do cristianismo*, como demonstra a análise objetiva de sua doutrina e atuação histórica, tanto dos movimentos que chegaram ao poder como dos que não chegaram, mas que lutaram incansavelmente por Deus e pela Pátria, vertendo o sangue de seus melhores. A democracia, em contrapartida, é a

161 Em Basurto foi fuzilado o crucifixo do convento capuchinho. O mesmo fizeram com a Virgem de Lourdes na ermida de São Lourenço. Também se fez "juízo sumário" a São Pedro na igreja desse nome em Tavira, onde se utilizou para isso a velha imagem que ali havia e na qual se executou a sentença de morte.

162 Na Alemanha havia distintos tipos de condecorações para as mães prolíficas, as quais eram entregues em atos aos quais assistiam os dirigentes do Estado e do Partido.

163 A mais excelsa expressão política do campo ortodoxo foi a Guarda de Ferro romena, talvez o movimento nacionalista mais ardentemente cristão e místico. A atitude diante do martírio padecido por muitos de seus membros tem semelhança com a dos primeiros cristãos.

doutrina anticristã por excelência. Os fatos estão à vista: a queda do fascismo e o triunfo da democracia e de seu aliado bolchevique escravizaram a humanidade. E, quando o comunismo bolchevique desmoronou, não por obra e graça da democracia que era sua cúmplice descarada, mas pela resistência patriótica e religiosa dos povos que escravizou, a democracia ficou como o único regime dominante do planeta, mas continua e se agrava o anticristianismo, o despotismo, a exploração, a decadência moral, a delinquência, o individualismo, assim como a angústia e o vazio interior que se apoderaram dos povos enganados e traídos, convertidos em rebanhos de novos hilotas submetidos não só à mera tirania política, à exploração econômica, ao alcoolismo, à drogadição, à sexualização patológica da existência, às perversões etc., mas também ao formidável instrumento da dependência tecnológica, fomentada até o paroxismo, que tem a vantagem de englobar quase todos os indivíduos, inclusive muitos dos que se creem livres do veneno democrático.



“E é comum que muitos jovens de diferentes nacionalidades — e até de raças não arianas — ostentem orgulhosamente os símbolos hitleristas. As fotografias do Führer derrotado veem-se até no último recanto da terra. [...] **Sua figura se ergue, luminosa, personificando a vitória de um Ideal heroico e superior, da Fé sobre o materialismo, da Honra sobre a deslealdade, da Justiça sobre a exploração, do Sangue sobre o ouro. [...] E que o amor ao Führer não foi imposto por decreto, mas foi a resposta espontânea** de um povo agradecido a seu libertador e pai.” - Federico Rivanera Carlés — “La Alemania de Hitler a través de la Prensa Mundial”